

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)
CAMPUS TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

JOSE FERREIRA DE MATOS

AS MÚLTIPLAS FACETAS DA VIOLÊNCIA NA HQ *CASTANHA DO PARÁ*

**TRÊS LAGOAS-MS
2024**

JOSE FERREIRA DE MATOS

AS MÚLTIPLAS FACETAS DA VIOLÊNCIA NA HQ *CASTANHA DO PARÁ*.

Dissertação apresentada como requisito parcial para titulação de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Três Lagoas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo de Araújo Plácido

**TRÊS LAGOAS-MS
2024**

JOSE FERREIRA DE MATOS

AS MÚLTIPLAS FACETAS DA VIOLÊNCIA NA HQ *CASTANHA DO PARÁ*.

Dissertação apresentada como requisito parcial para titulação de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Três Lagoas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo de Araújo Plácido

Data de aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. CARLOS EDUARDO DE ARAÚJO PLÁCIDO – Orientador
PPGL/UFMS
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. MARCOS ROGERIO HECK DORNELES
PPGL/UFMS
Membro Interno

Prof. Dr. NATANIEL DOS SANTOS GOMES
UEMS
Membro Externo

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho de dissertação.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras)

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Eduardo de Araújo Plácido, pela orientação incansável, pelo apoio constante e pelas valiosas contribuições que ajudaram a moldar esta pesquisa. Sua experiência e sabedoria foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também aos professores da banca examinadora que avaliaram minha pesquisa: Prof. Dr. Marcos Rogério Heck Dorneles e Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes, pela colaboração e pelos conselhos acertados ao longo dessa jornada.

Aos professores do PPGL/UFMS, por compartilharem seus conhecimentos e por toda a base sólida que construíram ao longo dos anos. Suas aulas e ensinamentos foram essenciais para meu crescimento acadêmico e profissional. Em especial, agradeço ao Prof. Dr. Renato Rodrigues, que me apresentou ao programa de pós-graduação, e à Prof^a Dr. Kalcilene Grácia, que me aceitou como aluno ouvinte no início dessa jornada.

Ao LALAEC (Laboratório de Letramento Acadêmico Criativo), pelo suporte técnico e acadêmico necessários para o andamento deste trabalho, que foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de pós-graduação, Flavianny e Juliano, pelas discussões enriquecedoras, pelas trocas de ideias e pelo apoio mútuo. O ambiente de aprendizado coletivo foi fundamental para o meu desenvolvimento intelectual.

À minha companheira, Cidinha, pela paciência e compreensão durante todas as fases deste trabalho. Aos congregados: Wesley e Keila, João Victor, Dudu (em

memória) e Emy, o pequeno furacão, meu sincero agradecimento pelo apoio e carinho.

Aos meus familiares, minha eterna gratidão aos meus pais: Antônia Henrique da Silva, que costurou à mão meu primeiro uniforme escolar, e ao meu pai, Albérico Ferreira de Matos (em memória). Agradeço também aos meus irmãos: Joza, Maria, Jonas, Sonia, Joel, João, Maria José e Marcelo, pelo apoio incondicional.

Aos professores e a todos os profissionais da educação da Escola Estadual José Ferreira Lima, pela amizade e compreensão durante todo o meu percurso. Em especial, gostaria de agradecer ao Diretor Willians, à Adjunta Cristina, ao Coordenador Gilmar, e às Coordenadoras Carol e Gisele, pela motivação constante, pela ajuda prática e pelos momentos de descontração que aliviaram a pressão deste desafio.

A todos que, de alguma forma, contribuíram, seja com apoio, críticas construtivas ou gestos de carinho, meu sincero agradecimento.

RESUMO

Este trabalho propõe examinar o impacto da violência na formação da identidade dos personagens da novela gráfica *Castanha do Pará*, de Gidalti Moura Jr., e sua relação com a sujeição do sujeito na pós-modernidade. O objetivo principal é analisar como as experiências violentas moldam a voz narrativa e a subjetividade dos personagens da HQ em um contexto pós-moderno. A metodologia consiste em uma análise aprofundada da violência presente na obra, fundamentada teoricamente nos conceitos de violência e sujeição do sujeito na pós-modernidade, apoiando-se em autores como Krug (2002), Chauí (2004), Minayo (2006), Jameson (2006), Bonamigo (2008) Ginzburg (2012), Han (2017). Espera-se que este estudo proporcione uma compreensão mais profunda das relações entre a sujeição do sujeito, violência e pós-modernidade, oferecendo insights relevantes para o debate acadêmico. A pesquisa busca responder como a violência influencia a construção da identidade e da subjetividade dos personagens em um contexto de sujeição, explorando as formas pelas quais os sujeitos agem em situações de violência e o impacto dessas narrativas na compreensão da sujeição e da liberdade individual.

Palavras-chave: Castanha do Pará; Pós-modernidade; Quadrinhos; Sujeição do Sujeito; Violência.

ABSTRACT

This research aims to examine the impact of violence on the formation of the identity of the characters in the graphic novel *Castanha do Pará*, by Gidalti Moura Jr., and its relationship with the subjection of the subject in postmodernity. The main objective is to analyze how violent experiences shape the narrative voice and subjectification of the characters in the comic book in a postmodern context. The methodology consists of an in-depth analysis of the violence present in the work, theoretically based on the concepts of violence and subjectification of the subject in postmodernity, supported by authors such as Krug (2002), Chauí (2004), Minayo (2006), Jameson (2006), Bonamigo (2008) Ginzburg (2012), Han (2017). It is expected that this study will provide a deeper understanding of the relationships between the subjectification, violence and postmodernity, offering relevant insights for the academic debate. The research seeks to answer how violence influences the construction of the identity and subjectivity of characters in a context of subjectification, exploring the ways in which subjects act in situations of violence and the impact of these narratives on the understanding of subjectification and individual freedom.

Keywords: Castanha do Pará; comics; postmodernity; subjection of the subject; violence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Uma semana depois...	27
Figura 2 - Histórias dos X-Men.	29
Figura 3 - Splashpages (2018).	30
Figura 4 - Gavião Arqueiro, nº 4.	31
Figura 5 - Pensamento em monólogo.	32
Figura 6 - O padrasto agride Castanha (violência física).	56
Figura 7 - Agressões verbais.	57
Figura 8 - Violência física.	59
Figura 9 - Violência física e psicológica entre os meninos.	60
Figura 10 - Mariazinha mata Geraldo.	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA	13
2.1 Revisão da Literatura	13
2.2 Formulação de Questões de Pesquisa	13
2.3 Criação de Categorias Analíticas	15
2.4 Análise de Conteúdo	15
2.5 Associações e Cruzamento de Dados	16
3 ESTUDOS CULTURAIS, PENSAMENTO DECOLONIAL E ARTE SEQUENCIAL: POSSÍVEIS INTER-RELAÇÕES	17
3.1 Breve panorama sobre a Decolonialidade	20
3.2 Arte sequencial	24
4 MODERNISMO E PÓS-MODERNISMO	36
4.1 A sujeição do sujeito pós-moderno: reflexões sobre identidade, poder e fragmentação	39
4.2 As múltiplas facetas da violência e marginalização na pós-modernidade	41
5 A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA OBRA CASTANHA DO PARÁ....	52
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	64
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS.....	68

1 INTRODUÇÃO

A violência tem sido uma constante na sociedade brasileira desde o período da colonização do Brasil. Por diferentes vias e formas de ocorrência, a violência colonial institucionalizou um *modus operandi* de controle social por meio da repressão e da violência. Inclui-se, nesse sentido, a violência física, social, institucional, racial, de gênero, sexual, doméstica, patrimonial, dentre outros modos de constituição da violência na sociedade. Em se tratando de nosso país, ao interseccionar violência e raça, um dos principais alvos da violência é, de forma inequívoca, a população negra. Desde a violência do período escravocrata à colonialidade reinventada ainda hoje, como diz Aníbal Quijano (1997), as pessoas negras foram colocadas como alvo e objeto dessa violência, ao tempo em que, como indica Cida Bento (2022), a branquitude as coloca como um inimigo social.

O *Atlas da Violência 2023*, pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), evidencia dados significativos sobre a violência no Brasil. Em 2022, a taxa de homicídios entre pessoas negras foi 2,7 vezes maior do que a taxa entre brancos, indicando, em comparação com as pesquisas anuais do *Atlas da Violência*, um padrão persistente de violência desproporcional contra a população negra, o que demonstra um problema estrutural de violência e, neste caso, também de racismo, a violência racial. Da mesma forma, é maior a taxa de feminicídio quando se trata de mulheres negras.

Assim como em anos anteriores, ficou demonstrado que as vítimas de intervenções policiais no ano de 2023 foram predominantemente os negros, grupo social que compõe 82,7% desse conjunto de vitimados, somando pretos e pardos, como destacado no *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* (FBSP, 2024). Esses dois documentos indicam que a violência policial é um problema recorrente em comunidades predominantemente negras. Por sua vez, a *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua* (Pnad contínua), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2023, indica que as desigualdades entre negros e brancos permanecem no campo da educação, do acesso à saúde e mostram que pessoas negras enfrentam desigualdades significativas no mercado

de trabalho, incidindo em um abismo de diferenças sociais, que podem ser vistas como outras formas de violência.

Frente a esse contexto, muitos autores e artistas buscam utilizar a literatura e as artes em geral, no intuito de denunciar e representar o que tem acontecido no país. Esse caminho foi também escolhido por Gidalti Moura Jr., autor e quadrinista brasileiro, que em 2017 e em 2022, ganhou uma das principais premiações artísticas brasileiras, o Prêmio Jabuti. Em ambas as edições, ele foi o ganhador na categoria Quadrinhos, sendo a premiação de 2017 referente a *Castanha do Pará*. Nessa obra, acompanhamos a história de Castanha, um garoto negro que se torna morador de rua, especialmente ancorado na região do Mercado Ver-o-Peso, em Belém, no Pará.

Nesse sentido, o presente estudo tematiza as representações da violência nessa obra, a partir das intersecções entre violência, sujeito e identidade/subjetividade, considerando as múltiplas facetas da violência na HQ *Castanha do Pará*, de Gidalti Moura Jr. (2018). Problematizamos, de maneira geral, como a violência está representada nessa história em quadrinhos (HQ), bem como quais os tipos de violência que aí se apresentam enquanto instrumentos que conformam sujeições, subjetividades e identidades das personagens delineadas por Gidalti Jr.

Destacamos, nesse sentido, que temos por objetivo geral analisar as representações de violência na HQ *Castanha do Pará*, de Gidalti Jr. (2018), considerando, também, para isso, as características da narrativa sequencial. Por sua vez, como objetivos específicos, delineamos: 1) Identificar quais os elementos da narrativa sequencial são empregados por Gidalti Jr. em *Castanha do Pará* (2018) para transmitir as experiências de violência e vulnerabilidade das crianças retratadas; 2) Examinar como a narrativa sequencial gráfica de *Castanha do Pará* (2018) se relaciona com as teorias sobre o sujeito subalterno, ou marginalizados, e como essa relação influencia a maneira como a violência e a vulnerabilidade são abordadas na história; 3) Explorar de que modo a HQ *Castanha do Pará* (2018) contribui para explorar temas sociais complexos e como isso se reflete na maneira como a violência é representada na narrativa.

O referencial teórico está ancorado nos estudos culturais, no modernismo e pós-modernismo, bem como no pensamento decolonial e aborda as questões de

sujeição do sujeito e as tipologias da violência que incidem sobre esse sujeito na pós-modernidade. Os estudos culturais, passando pelo modernismo e pós-modernismo, fornecem o embasamento para a compreensão das representações simbólicas e discursivas da sujeição do sujeito e da violência na HQ *Castanha do Pará*, bem como o pensamento decolonial, dado o contexto de produção, o ambiente em que se passa a narrativa e as discursividades e representações simbólico-culturais presentes na história de Gidalti Jr.

É também a partir da adoção do pensamento decolonial como diretriz que reiteramos nosso posicionamento em identificar a narrativa analisada como HQ e não com o termo *Graphic Novel*. Sem dúvida, há quem entenda que ambos os termos podem ser sinônimos, há quem os diferencie quanto à extensão e cuidado com a narrativa, bem como abordagem de temas, estando a *graphic novel* relacionada à representação de temáticas mais complexas. Entretanto, ao discutir sobre as nomenclaturas que as HQ recebem, Lucas Piter Alves-Costa (2021) analisa:

Nos Estados Unidos, os quadrinhos são chamados, geralmente, de comics (abreviação de *comic books*, que também remete às *comic strips* – tiras cômicas –, publicadas nos jornais diários). [...] Diversos autores, no desejo, algumas vezes expresso, de dizer que suas obras não são como as outras do meio, acabavam por categorizá-las isoladamente. O termo *graphic novel* surgiu para superar o limitado termo *comics*, para caracterizar os muitos tipos de histórias em quadrinhos que já não se restringiam às narrativas de humor ou de super-heróis (essas últimas, com suas temáticas escapistas, eram marcadamente voltadas, na época, para o público infantojuvenil) (Alves-Costa, 2021, p. 44-45).

Em perspectiva similar à expressa por Alves-Costa (2021), Beatriz Sequeira de Carvalho (2017) destaca que, após a obra *Maus*, de Art Spiegelman, ganhar o Prêmio Pulitzer, os quadrinhos alternativos trouxeram ao campo das HQ “um grau de respeitabilidade jamais imaginado. Com suas histórias mais longas, temáticas diferenciadas e público diverso, os quadrinhos alternativos acabaram criando um novo mercado” (p. 110), incluindo as grandes livrarias e editoras. A autora destaca ainda que:

talvez a maior mudança causada pela invasão desses quadrinhos alternativos no mercado seja o fato de eles terem tomado para si, e em consequência cristalizado na mente do público em geral, um termo que passaria a designar, nas décadas seguintes, o que significa ser um ‘quadrinho de qualidade’. O termo? *Graphic novel* (Carvalho, 2017, p. 110).

O problema está no fato de que essa distinção entre *graphic novel* e *comic books* vai fomentar uma espécie de cisão entre o que, supostamente, tem qualidade e o que não tem qualidade, como uma referência ao que é visto como alta literatura e baixa literatura, ampliando distanciamentos entre a cultura de massa e uma cultura para “poucos”.

Compreendemos que *Castanha do Pará* poderia ser identificada como uma *graphic novel*, contudo, ao considerarmos que HQ é o termo utilizado em nossa língua para identificar narrativas quadrinísticas¹ e que o termo *graphic novel* remete a uma discussão com a qual não concordamos, visto que a nossa orientação teórica decolonial e em diálogo com os estudos culturais busca romper com essa cisão entre “alta” e “baixa” cultura, optamos por utilizar a nomenclatura história em quadrinhos para nos referirmos a essa narrativa. Nossa opção demarca, ao mesmo tempo, um posicionamento político em busca de afirmar, consolidar e ampliar o campo das HQ no Brasil, bem como uma homenagem à produção quadrinística brasileira, trazendo-a para o espaço acadêmico.

O autor, por meio da narrativa, visibiliza importantes temas e vozes que, com frequência, não encontram espaço em outras obras, assim como não costumam ser ouvidas e reconhecidas na sociedade brasileira. Consideramos, nesse sentido, que a HQ *Castanha do Pará* aborda importantes temáticas relacionadas à realidade de nosso país, além de representar a cidade de Belém, capital do estado do Pará, como cenário da narrativa, trazendo à cena uma cidade que pode (e deve, em nosso entender) ser mais conhecida do público brasileiro.

A abordagem em torno da infância, centrada na vida do menino Castanha, exemplifica temáticas como a infância roubada, a violência doméstica, a invisibilização social de meninos de rua, o envolvimento com drogas, a vulnerabilidade dos sujeitos sociais – os quais são, constantemente, vistos como não sujeitos. Todos esses temas se entrelaçam e fazem da narrativa quadrinística de Gidalti Jr. um espaço de fruição estética, artística e crítica, consagrando-o como um premiado autor quadrinista.

Conforme já adiantamos, a partir dessa obra, a análise terá como foco as múltiplas facetas da violência ali representadas no contexto da pós-modernidade.

¹ Vale notar que Gidalti Jr. ganhou o prêmio Jabuti na categoria Quadrinhos – essa é a forma identificada pelo Jabuti.

Ao explorar a macrofísica da violência, que inclui a relação entre amigo e inimigo, a violência como uma negatividade do outro, é possível identificar como essas dinâmicas se manifestam nas interações entre personagens na HQ. Além disso, ao considerar a microfísica da violência, que aborda o poder disciplinar, o biopoder e a produção de normas e costumes, é possível analisar como essas formas mais sutis e internalizadas de violência podem estar presentes nas estruturas sociais e nas relações de poder na narrativa da HQ.

Quanto à metodologia, esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando a análise de conteúdo como principal método de investigação. Essa técnica permite a interpretação e compreensão dos significados presentes nos elementos textuais e visuais da HQ, possibilitando a identificação e análise das diferentes facetas da violência representadas na narrativa, bem como suas relações com o contexto sociocultural (Minayo, 2002). A abordagem qualitativa foi selecionada por possibilitar uma análise interpretativa das relações entre texto e imagem, fundamentais na narrativa gráfica. A análise textual e visual foi empregada como principais instrumentos, embasando-se em uma leitura hermenêutica do texto e em uma análise semiótica dos elementos visuais presentes na obra.

Em termos metodológicos, a pesquisa compreende uma revisão de literatura sobre estudos culturais, pensamento decolonial, arte sequencial e temas como violência, sujeição e construção da subjetividade em contextos pós-modernos, com enfoque na aplicação desses conceitos à narrativa gráfica.

A revisão da literatura, conforme recomendado por Bardin (2011), proporcionou uma base teórica consistente para a análise de conteúdo, permitindo um diálogo com outros estudos sobre essas temáticas, a exemplo de interação entre quadrinhos, subjetividade e violência, juntamente com textos que discutem as implicações visuais da sujeição. Nos baseamos, nesse sentido, em autores como Minayo (2006) e Byung-Chul Han (2017), cujas reflexões sobre opressão e subjetividade fornecem uma fundamentação teórica para a interpretação e as discussões realizadas.

Elucidamos, ainda, que a análise visual abarcou o estudo das transições entre quadros, o uso de contrastes de cor e sombras, e como esses elementos gráficos articulam a violência e a interioridade dos personagens. O cruzamento de informações entre texto e imagem, conforme preconizado por Bardin (2011),

permitiu uma compreensão de como *Castanha do Pará* explora a fragmentação identitária em contextos de opressão, evidenciando as múltiplas formas de violência apresentadas.

Desse modo, para atender a essa metodologia e aos nossos objetivos, este estudo está dividido em quatro capítulos. No primeiro, identificado como Introdução, apresentamos as diretrizes basilares deste estudo, como tema, problematização, objetivos, metodologia e estrutura da pesquisa. Por sua vez, no segundo, apresentamos a metodologia adotada no estudo, explicando, passo a passo, como a pesquisa foi realizada. Neste capítulo, os seguintes pontos foram destrinchados: qual a natureza da pesquisa, qual o tipo de abordagem, quais instrumentos foram utilizados para a coleta e a análise dos dados.

No terceiro capítulo, intitulado “Estudos culturais, pensamento decolonial e arte sequencial: possíveis inter-relações”, apresentamos possíveis inter-relações entre esses campos de estudo, indicando, também, as especificidades de cada um deles.

Já no quarto capítulo – Modernismo e pós-modernismo –, apresentamos uma discussão relacionada ao modernismo, ao pós-modernismo e a como esses contextos sociopolíticos e estéticos relacionam-se à sujeição dos sujeitos e identidades. Desse modo, nesse capítulo, abordamos também o conceito de violência e como esse construto social pode assumir diversas formas, manifestando-se como violência física, psicológica, doméstica, de gênero, racial, dentre outras formas.

No quinto capítulo, realizamos, de modo mais específico, a análise sobre representações de violência na HQ *Castanha do Pará*, de Gidalti Jr. (2018), considerando, também, para isso, as características da narrativa sequencial. Observamos, assim, como os entrecruzamentos de elementos verbivocovisuais se entrelaçam nessa HQ, a fim de narrar a trama de Castanha, um garoto de Belém do Pará, que vê a sua vida atravessada por múltiplas formas de violência. Por fim, nos capítulos 6 e 7, Resultados e discussão e Considerações finais, apresentamos nosso percurso de estudo, desvelando as conclusões às quais chegamos a partir da análise dessa HQ.

2 METODOLOGIA

Este capítulo descreve a metodologia adotada para investigar a HQ *Castanha do Pará*, de autoria de Gidalti Moura Jr., com o propósito de analisar o impacto da violência na construção da identidade e subjetividade dos personagens. A abordagem qualitativa foi selecionada por possibilitar uma análise interpretativa das relações entre texto e imagem, fundamentais na narrativa gráfica. A análise textual e visual foi empregada como principais instrumentos, embasando-se em uma leitura hermenêutica do texto e em uma análise semiótica dos elementos visuais presentes na obra.

2.1 Revisão da Literatura

A pesquisa teve início com uma revisão da literatura sobre temas como violência, sujeição e construção da subjetividade em contextos pós-modernos, com enfoque na aplicação desses conceitos à narrativa gráfica. A revisão da literatura, conforme recomendado por Bardin (2011), proporcionou uma base teórica consistente para a análise, permitindo um diálogo com estudos anteriores sobre a representação da violência em meios gráficos. Foram examinados estudos que abordam a interação entre quadrinhos, subjetividade e violência, juntamente com textos que discutem as implicações visuais da sujeição, respaldando-se em autores como Minayo (2006) e Han (2017), cujas reflexões sobre opressão e subjetividade fornecem uma fundamentação teórica para a análise.

2.2 Formulação de Questões de Pesquisa

Com base na revisão da literatura, foram formuladas quatro questões-chave orientadoras da análise de *Castanha do Pará*:

- a) Como a violência é representada textual e visualmente na HQ *Castanha do Pará*?

- b) De que maneira as experiências de violência moldam a subjetividade dos personagens ao longo da narrativa?
- c) Quais são os principais dispositivos narrativos utilizados para expressar a sujeição e a fragmentação do sujeito?
- d) Como a integração entre texto e imagem contribui para a representação da identidade dos personagens?

Essas questões foram elaboradas com o intuito de explorar a obra de forma imparcial, permitindo uma investigação genuína dos elementos narrativos e visuais, conforme preconizado por Minayo (2001).

A análise de conteúdo foi empregada para interpretar tanto as sequências textuais quanto visuais da obra. Seguindo os três estágios propostos por Bardin (2011), a análise envolveu uma leitura preliminar da obra para identificar temas recorrentes relacionados à violência e subjetividade; uma exploração detalhada dos textos e imagens em busca de padrões que revelassem as dinâmicas de opressão e sujeição; e uma interpretação dos dados à luz das teorias de identidade pós-moderna, violência e sujeição.

A análise visual abarcou o estudo das transições entre quadros, o uso de contrastes de cor e sombras, e como esses elementos gráficos articulam a violência e a interioridade dos personagens. O cruzamento de informações entre texto e imagem, conforme preconizado por Bardin (2011), permitiu uma compreensão mais profunda de como *Castanha do Pará* explora a fragmentação identitária em contextos de opressão.

Por fim, o cruzamento de informações entre as categorias analíticas possibilitou identificar como a representação visual da violência intensifica os temas textuais da narrativa. As associações entre a desintegração gráfica dos personagens e as experiências de violência demonstram como o autor utiliza elementos visuais para representar as rupturas na identidade. A interação entre texto e imagem revela os processos de sujeição e resistência, fornecendo uma análise aprofundada sobre como a violência molda a subjetividade no contexto amazônico

2.3 Criação de Categorias Analíticas

Foram criadas as seguintes categorias analíticas para orientar a interpretação dos dados, conforme indicado por Bardin (2011):

- a) **Violência e Subjetividade:** Esta categoria examina como a violência — física, simbólica e institucional — é retratada na narrativa e como ela impacta a formação da identidade dos personagens.
- b) **Sujeição e Resistência:** Foca em como os personagens respondem à violência e à opressão, analisando os momentos em que resistem ou se submetem às forças externas.
- c) **Texto e Imagem:** Esta categoria explora a interação entre a narrativa textual e os elementos gráficos, analisando como essa interação constrói a subjetividade dos personagens e intensifica a percepção de violência.
- d) **Ambiente e Contexto Social:** Envolve a análise de como o ambiente, marcado por caos social e violência, influencia a narrativa e o desenvolvimento dos personagens.

2.4 Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo foi aplicada para interpretar tanto as sequências textuais quanto visuais da obra. Seguindo os três estágios propostos por Bardin (2011), a análise envolveu (1) uma leitura preliminar da obra para identificar temas recorrentes relacionados à violência e subjetividade; (2) a exploração detalhada dos textos e imagens, buscando padrões que revelam as dinâmicas de opressão e sujeição; e (3) a interpretação dos dados à luz das teorias de identidade pós-moderna, violência e sujeição.

A análise visual incluiu o estudo das transições entre quadros, o uso de contrastes de cor e sombras, e como esses elementos gráficos articulam a violência e a interioridade dos personagens. Esse cruzamento de informações entre texto e imagem, conforme indicado por Bardin (2011), permitiu uma compreensão mais profunda de como *Castanha do Pará* explora a fragmentação identitária em cenários de opressão.

2.5 Associações e Cruzamento de Dados

O cruzamento de informações entre as categorias analíticas permitiu identificar como a representação visual da violência intensifica os temas textuais da narrativa. As associações entre a desintegração gráfica dos personagens e as experiências de violência mostram como o autor utiliza elementos gráficos para representar as rupturas na identidade. A interação entre texto e imagem é essencial para revelar os processos de sujeição e resistência, proporcionando uma análise rica sobre como a violência molda a subjetividade no contexto amazônico.

3 ESTUDOS CULTURAIS, PENSAMENTO DECOLONIAL E ARTE SEQUENCIAL: POSSÍVEIS INTER-RELAÇÕES

Os Estudos Culturais, ou materialismo cultural segundo Williams (2011), constituem um novo campo de pesquisas que reúne perspectivas políticas, históricas, culturais e acadêmicas. Originados no final dos anos 1950 e início da década de 1960, na Inglaterra, espalharam-se pelo mundo nos anos seguintes como resposta à necessidade de abordagens mais críticas e contextualizadas em relação à cultura e à sociedade. Tendência que contou com Raymond Williams e Thompson, dissidentes do Partido Comunista Britânico, nesse contexto, surge o *Centre for Contemporary Cultural Studies*, na Universidade de Birmingham (1964), fundado por Richard Hoggart, que contribuiu na formação da *New Left Review*.

As histórias contadas costumam focar nas conquistas, feitos e perspectivas das classes dominantes, deixando de lado as experiências, lutas e contribuições dos segmentos menos favorecidos da sociedade (Rancière, 2010). Esses grupos englobam indivíduos que estão em situações de vulnerabilidade social, econômica e política, muitas vezes enfrentando desigualdades estruturais e dificuldades no acesso a recursos e oportunidades (Rancière, 2010).

A relação entre cultura e poder contribuirá significativamente para a investigação das tipologias da violência na HQ *Castanha do Pará*, de Gidalti Jr. (2018). Thompson (1988) aborda a cultura como um campo de luta simbólica, onde diferentes grupos e interesses se confrontam e se manifestam. Sua análise sobre como as práticas culturais refletem e reproduzem relações de poder entre as chamadas classes dominantes e os proletariados oferece um campo de percepção para a compreensão das representações de violência que incidem sobre o sujeito na pós-modernidade.

Os estudos culturais e o materialismo cultural buscam compreender como as narrativas históricas e culturais negligenciam as vivências e os pontos de vista dos grupos menos favorecidos e marginalizados na sociedade, conhecidos como os "de baixo" (Thompson, 1988). Tal abordagem permite uma análise mais aprofundada sobre a representação da violência, a identificação dos sujeitos impactados por essas situações e a influência das estruturas de poder e

desigualdade na construção dessas representações na era pós-moderna (Rancière, 2010).

Concernente a isso, os estudos culturais e a *École des Annales* compartilham certas semelhanças em termos de abordagens e preocupações, embora sejam distintos em suas origens e focos principais. A *École des Annales*, uma escola de historiografia fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, enfatizou a importância da história total, integrando diversas disciplinas e abordagens para compreender a complexidade das sociedades ao longo do tempo.

Os estudos culturais, originados principalmente no contexto britânico, têm uma ênfase mais ampla na cultura como um campo de luta política e de produção de significados (Burke, 1990). No tocante a isso, os estudos culturais estão alinhados com a ideia de que a cultura não é algo estático ou neutro, mas, sim, um campo dinâmico onde se manifestam relações de poder e resistência.

Ao utilizar o termo "Os de baixo" para se referir às classes trabalhadoras e oprimidas, Thompson (1988) evidencia uma clara tensão entre a elite dominante e as classes menos privilegiadas. Essa distinção implica em uma tensão inerente à relação entre esses grupos sociais, destacando as disparidades de poder, recursos e oportunidades existentes na sociedade. A abordagem de Thompson ressalta a luta e resistência dos trabalhadores comuns contra a opressão e explora as dinâmicas de conflito e desigualdade presentes nesse contexto histórico.

Importante salientar que a expressão "os de baixo", cunhada por Thompson, denota tensão, uma vez que caracteriza os sujeitos cujas vozes e agências são frequentemente negligenciadas e silenciadas, conforme preceitua Spivak (1988). A autora dirá que o subalterno é um sujeito que não pode falar, ou seja, não tem voz devido à falta de estruturas políticas, espaços legais e linguagens que permitam que suas demandas sejam ouvidas. As vozes subalternas são marginalizadas frente a discursos acadêmicos eurocêntricos e masculinos. Spivak (1988) questiona a forma como o intelectual ocidental se torna um agente transparente do conhecimento ao criar representações dos sujeitos do Terceiro Mundo, colocando-os como um "Outro" subalterno. A autora aponta que, devido ao contexto de imperialismo e às relações de poder entre as elites nativas e os colonizadores, o subalterno, seja homem ou mulher, é visto como um sujeito sem voz.

O conceito de subalternidade pode contribuir para a investigação da violência e sujeição do sujeito na pós-modernidade e pode ser percebido na HQ *Castanha do Pará*. Spivak (1988) destaca a importância de dar voz e visibilidade aos grupos marginalizados e questiona as estruturas de poder que perpetuam a opressão e a exclusão desses sujeitos. A partir desses pressupostos é possível perceber como a violência é normatizada como ferramenta de controle e resistência dentro do contexto social da pós-modernidade.

Um dos textos mais influentes da Nova Esquerda Britânica é a obra *Culture and Society* (1958), que juntamente com *The Long Revolution*, *The Uses of Literacy*, de Richard Hoggart, e *The Making of the English Working Class*, de E.P. Thompson, inauguraram a tradição intelectual de natureza política. De acordo com Williams (2011), essa nova tradição intelectual e política refere-se a um movimento de pensamento e análise crítica que emergiu a partir das obras mencionadas. Essas obras desempenharam papéis importantes para os estudos culturais e para a compreensão do conceito de sujeito subalterno.

Essas obras abordam questões relacionadas à cultura popular, à formação da identidade e à luta de classes, fornecendo insights importantes para a investigação sobre a violência e a sujeição do sujeito pós-moderno. Através de análises críticas das estruturas sociais, das práticas culturais e das relações de poder, esses autores exploram como a violência e a sujeição são construídas e perpetuadas dentro de contextos sociais e históricos específicos, desse modo, é possível investigar de forma mais aprofundada as dinâmicas de violência, sujeição e resistência que marcam a experiência do sujeito pós-moderno, revelando as complexas interações entre poder, identidade e cultura na contemporaneidade (Williams, 2011; Thompson, 1988).

Outro conceito importante para os Estudos culturais é o de "agência", que conforme enfatiza Thompson (1988), consiste na ideia de que as classes trabalhadoras não são meras receptoras passivas das mudanças sociais e culturais, mas, sim, agentes ativos na construção da cultura e da sociedade. Thompson (1988) observou que as classes trabalhadoras não apenas reagem às condições impostas, mas também moldavam essas condições por meio de ações, resistências e lutas.

A teoria da transmodernidade, por sua vez, se apresenta como uma abordagem crítica e abrangente da modernidade, questionando suas bases eurocêntricas e coloniais. De acordo com Urbán (2020), essa perspectiva visa transcender as narrativas dominantes ao incluir as contribuições e pontos de vista dos povos do Sul global e dos grupos subalternos. Ao priorizar o reconhecimento das vozes e vivências dos marginalizados, a teoria da transmodernidade propõe uma visão mais inclusiva da modernidade, incorporando múltiplas perspectivas e saberes (Urbán, 2020).

Os estudos culturais contemporâneos, influenciados por teóricos como Stuart Hall e Gayatri Chakravorty Spivak, oferecem uma perspectiva aprofundada sobre a complexidade das dinâmicas culturais e sociais. Ao destacar a importância de amplificar as vozes dos grupos marginalizados e subalternos, esses pensadores desafiam as estruturas de poder e as relações de dominação presentes na sociedade. Por meio de uma análise crítica das narrativas hegemônicas e eurocêntricas, eles promovem uma visão mais inclusiva e plural, buscando desconstruir as noções tradicionais de identidade, poder e representação.

Ao considerar as contribuições dos Estudos Culturais, podemos perceber a relevância de questionar as narrativas dominantes e dar voz aos grupos marginalizados e silenciados pela história oficial. Essa perspectiva crítica nos leva a refletir sobre as estruturas de poder presentes nas relações sociais e culturais, evidenciando a necessidade de uma abordagem que vá além da mera descrição dos fenômenos.

Nesse sentido, a proposta da Decolonialidade, conforme apresentada por Urbán (2020) e Quijano (2000), surge como um desafio à colonialidade do saber, buscando desnaturalizar as hierarquias e promover uma visão mais plural e inclusiva do mundo. Ao integrar esses debates, somos convidados a repensar nossas próprias posições e privilégios, ampliando nossa compreensão das dinâmicas sociais e culturais em um contexto globalizado e diverso.

3.1 Breve panorama sobre a Decolonialidade

A decolonialidade é um conceito que emergiu como uma abordagem crítica para desafiar as estruturas de poder coloniais e eurocêntricas que moldaram as

sociedades contemporâneas. Originária dos estudos pós-coloniais e dos movimentos de resistência indígena e afrodescendente, a decolonialidade propõe uma reflexão profunda sobre as formas de conhecimento, poder e identidade que foram historicamente impostas pelo colonialismo e suas consequências.

Historicamente, o pensamento decolonial surge a partir dos anos 1990, por um grupo de intelectuais, integrantes do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C). A visão defendida por esse grupo insere-se no escopo das teorias contracoloniais, sendo a discussão realizada com uma abordagem geopolítica concernente aos espaços, temas e problemas/demandas da América Latina. Luciana Ballestrin (2013) indica que, para esse grupo, é incontornável pensar a realidade atual sem se considerar o processo de colonização e reinvenção da colonialidade vivenciado no território latino-americano. Para essa pesquisadora, o M/C, na condição de um coletivo,

realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI: a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de 'giro decolonial'. Assumindo uma miríade ampla de influências teóricas, o M/C atualiza a tradição crítica de pensamento latino-americano, oferece releituras históricas e problematiza velhas e novas questões para o continente. Defende a 'opção decolonial' – epistêmica, teórica e política – para compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva (Ballestrin, 2013, p. 89).

Esse movimento intelectual, social e político busca questionar e desconstruir as estruturas de poder e dominação que foram criadas durante o processo de colonização. Isso porque há uma tentativa de desafiar as narrativas dominantes e as estruturas de poder que foram criadas durante o processo de colonização, buscando construir e evidenciar outras narrativas que sejam mais justas e equitativas. Igualmente, objetiva reconhecer e valorizar as culturas e identidades que sofreram processos de colonização, no âmbito do giro decolonial proposto. No que concerne ao termo giro decolonial, foi cunhado por “Nelson Maldonado-Torres, em 2005, e significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade” (Ballestrin, 2013, p. 105).

O sociólogo peruano Aníbal Quijano (2007) assevera que o conceito de colonialidade refere-se às condições de estabelecimento do sistema capitalista como modelo de funcionamento das relações de poder na modernidade, que

operam mediante a “imposição de uma classificação racial-étnica da população do mundo”. Destarte, o capitalismo opera mediante uma lógica étnico-racial, subsidiando um paradigma completamente novo de império, a saber, a “colonialidade do poder”, que promove uma classificação social mediante os aspectos culturais de controle e domínio dos povos outrora subalternizados pelo colonialismo. Assim, o processo de descolonização intelectual torna-se laborioso em decorrência dos resquícios do colonialismo nas culturas dos povos colonizados.

Segundo Quijano (2000), o colonialismo não se limita ao período histórico da colonização, mas continua a operar por meio de estruturas de poder que perpetuam a marginalização e a subalternização de certos grupos sociais. Nesse sentido, a decolonialidade busca descolonizar não apenas as estruturas políticas e econômicas, mas também as formas de pensamento, conhecimento e representação que sustentam a hierarquia global.

As consequências da colonialidade se manifestam de diversas maneiras, incluindo a invisibilização e a negação das epistemologias não ocidentais, a imposição de padrões culturais dominantes e a perpetuação de relações de poder assimétricas. Isso resulta em processos de alienação, exclusão e violência simbólica que afetam diretamente as comunidades marginalizadas e suas formas de resistência e autoafirmação (Mignolo, 2017).

Ao desafiar as estruturas coloniais de poder e conhecimento, a decolonialidade propõe novas formas de pensar e agir que reconheçam a diversidade de experiências e saberes, promovendo a interculturalidade, a justiça social e a emancipação dos povos historicamente oprimidos. Por meio da crítica e da reconfiguração das narrativas dominantes, a decolonialidade busca abrir espaços para a construção de sociedades mais plurais, igualitárias e democráticas.

A decolonialidade, conforme discutido por Walter Mignolo, é um conceito que emerge da necessidade de desconstruir as narrativas e estruturas de poder herdadas do colonialismo, buscando uma nova forma de conhecimento que valorize as experiências e saberes do Sul Global. Mignolo (2017) argumenta que a decolonialidade não é apenas uma crítica ao colonialismo, mas uma proposta de transformação que envolve a reconfiguração das epistemologias dominantes. Essa perspectiva é refletida na obra *Castanha do Pará*, de Gidalti Jr. (2018), visto que o

autor aborda a relação entre a cultura amazônica e as dinâmicas de exploração colonial. Através de uma narrativa que valoriza a identidade e a resistência dos povos da Amazônia, Gidalti Junior (2018) ilustra como a decolonialidade se manifesta na luta por reconhecimento e valorização das práticas locais, desafiando as imposições da modernidade ocidental. Assim, tanto Mignolo (2017) quanto Gidalti Jr. (2018) enfatizam a importância de uma epistemologia que reconheça e respeite as vozes e saberes marginalizados, promovendo uma descolonização do conhecimento.

Evidenciamos, desse modo, que a América do Sul, assim como a região geopolítica denominada América Latina, vivenciou um projeto de dominação política, econômica e cultural arraigado em um viés colonizador e nas reinvenções da colonialidade. Quijano (1997) indica que esse projeto está assente em relações de saber-poder, as quais acentuam as discrepâncias sociais e refletem o predomínio de determinados saberes, em detrimento de outros, em diversas áreas sociais. São criados, assim, nichos de privilégios a determinados grupos de elite e, de outro modo, exclusão e marginalidade social para grupos sociais historicamente menos privilegiados, a exemplo da população negra. Em se tratando da HQ de Gidalti Jr., podemos destacar a abordagem relacionada a meninos negros que, a partir de contextos conflitantes em suas casas, acabam se tornando meninos de rua, vulneráveis a todo o tipo de violência.

Narrar e visibilizar a história de garotos como esse é uma forma não apenas de denunciar essa problemática social, como também de possibilitar que esses jovens sejam vistos, sejam cuidados, não sejam transformados em seres invisíveis para a sociedade. É um meio, nesse sentido, de possibilitar que, através da narrativa de textual-imagética, esses garotos tenham suas vozes ampliadas, por meio das histórias em quadrinhos. Há, nessa perspectiva, um movimento decolonial em curso, trazendo à tona o protagonismo de jovens negros, filiados à cultura amazônica, os quais, com essa HQ, apresentam também suas identidades interseccionadas, as violências que sofrem e, sobretudo, a cada sequência de imagens e textos verbivocovisuais, as resistências que constroem cotidianamente para sobreviver em meio à indiferença da sociedade com esses sujeitos.

3.2 Arte sequencial

A Arte Sequencial inclui a prática de contar histórias ou expressar ideias por meio de uma série de imagens dispostas em uma sequência ordenada. Essa forma de arte se baseia na progressão visual para desenvolver narrativas e permite, de acordo com (Eisner, 2010), que os artistas construam complexos enredos, de maneira a envolver o leitor em experiências intuitivas.

A Narrativa Sequencial encadeia imagens para contar uma história graficamente. Essa forma de expressão é caracterizada pela combinação de desenhos e textos, incluindo balões de diálogo (Eisner, 2010). A narrativa Sequencial, permite a compreensão da produção e reprodução da vida material de sociedades passadas, produzida principalmente moldes arquitetônicos como colunas, vasos de cerâmica, com fins de retratar a mitologia e temática cotidiana, bastante presente também em pictografias maias ancestrais (Carvalho; Ribeiro, 2018).

Dentro do universo de dimensões da Arte Sequencial, são passíveis de categorização as Histórias em Quadrinhos (HQs), classificadas, de acordo com Eisner (2010) como uma subcategoria distinta, combinando texto e imagens para criar sinergia no enredo. As HQs incorporam uma variedade de elementos que criam uma narrativa coesa e visualmente icônica. Cada elemento desempenha um papel na condução das ações da narrativa, na definição do ritmo da leitura, e na transmissão de emoções e sentimentos.

Nas HQs, o quadrinista lança mão de recursos para conferir dinamicidade às ações das personagens. São eles, na perspectiva de Eisner (2010) o letreiramento tem como função guiar as vozes narrativas e contextualizar a ação.

Os painéis ou quadros, organizam a sequência visual e dividem a narrativa em fragmentos intelectivos de um ou vários movimentos específicos. As splashpages conferem as tensões, pontuam eventos inesperados na narrativa e se destacam na opinião de (Eisner, 2010) pela sua intensidade da escala de ações e pelo impacto emocional. Há ainda, as metáforas visuais, pequenos símbolos visuais que emanam das personagens e funcionam como metáforas visuais indicativas de seus sentimentos. Já as linhas cinéticas, indicam, segundo Will Eisner, movimento ou velocidade das ações da narrativa gráfica.

Os balões, distintos em forma e função, contribuem para a compreensão das cenas narrativas, sendo, portanto, indissociáveis do texto verbal. Além disso, esse recurso estabelece o diálogo entre as personagens. Seu formato e a situação de comunicação em que se inserem possibilita a conexão visual, o que contribui para a categorização dos vários formatos que vão desde as bordas em forma de nuvem, até a apêndice formada pelos pequenos círculos ou bolhas que conduzem os olhos do leitor ao personagem. As palavras contidas dentro do balão, conforme pontua verbalizados Eisner (2010) representam pensamentos internos das personagens.

Nesse prisma, os balões, segundo Ramos (2022) podem ser os recursos que mais relacionam os quadrinhos como linguagem. Os diferentes formatos dos balões implicam funções diversas (Eisner, 2010; Mccloud, 1995; Forceville et al., 2010), e são a característica mais preponderante das HQs. De nossa parte, ousamos afirmar que eles possibilitam a percepção de várias camadas de complexidade no comportamento e caráter das personagens.

Os balões de pensamento podem fornecer traços da personalidade, a partir dos pensamentos não verbalizados. Estes recursos gráficos oferecem uma janela direta para as mentes e emoções das personagens, permitindo uma aproximação que em outras artes visuais, como o cinema, por exemplo, só são alcançadas por diálogos ou ações (Eisner, 2010). Os balões de pensamento não são apenas elementos gráficos, mas também carregam significados e expressões que transcendem a simples comunicação verbal (Silva, 2001). Assim, seu formato, o conteúdo e a forma dos signos linguísticos neles expressos expressam a fala ou o pensamento do personagem em primeira pessoa.

Os balões de pensamento, podem carregar sentidos por meio de suas cores, dimensões, formatos, tamanhos, localização, e orientação do apêndice (apêndice) com formato circular apontado para a cabeça da personagem (Silva, 2001). Assim, a exploração das múltiplas dimensões dos balões de pensamento, possibilita a percepção dos interiores e emoções das personagens protagonistas ou não.

Enquanto os balões de fala capturam a comunicação externa entre personagens, os balões de pensamento transportam os interlocutores para o interior das mentes das personagens, revelam verdades implícitas e não compartilhadas, que vêm à tona carregadas de conexões entre a personagem e o leitor.

Assim, além de penetrar na psicologia das personagens, os balões de pensamento configuram suspense nas narrativas sequenciais, na medida em que revelam os pensamentos de um personagem sem possibilitar que outras personagens da história tenham conhecimento (Eisner, 2010). Além disso, o balonário de pensamento pode facilitar o desenvolvimento de subtextos que permitirão aos leitores perceberem discrepâncias entre o dizer e o pensar de uma personagem. Essa dinâmica, na abordagem de (Cintra, 1981) pode e deve ser explorada para adicionar profundidade às relações entre as personagens, de forma a revelar conflitos internos e externos, ironias e intenções que reportam acontecimentos inesperados.

Os balões de pensamento, ferramentas que se usadas de maneira responsável pelo artista sequencial, constituirão ferramentas dotadas de eficácia na inserção do público no universo interno das personagens. Podem ainda promover catarses que se estendem desde dilemas morais até conflitos emocionais. Portanto, os quadrinistas, na medida em que usam este recurso sempre têm a oportunidade de construir personagens envolventes e, ao mesmo tempo, oferecem aos leitores uma experiência imersiva de leitura.

A exploração das múltiplas dimensões dos balões possibilita o contato do leitor com uma visão privilegiada dos pensamentos e emoções das personagens. A diversidade de elementos possibilita a inserção de uma ou várias camadas de complexidade nas personagens. Esse ato possibilita a constituição interna ou externa do caráter das personagens representadas.

Os balões de pensamento são eficazes para apresentar flashbacks, sonhos ou memórias dos personagens. Esses elementos são integrados ao fluxo da história sem a necessidade de transições abruptas. Essa integração enriquece a experiência de leitura e convida os leitores a se tornarem participantes ativos na HQ, ao possibilitar desafios de interpretação, questionamentos e empatia.

Nesse contexto, a figura 1, com histórias e arte criadas por Alice Oseman, apresenta um clássico das comics modernas onde dois adolescentes que quase nada têm em comum passam a viver um romance inesperado. Charlie, estudante dedicado e inseguro sofre cotidianamente ataques de bullying na escola desde que se assumiu gay.

Seu parceiro, o super popular Nick é o queridinho de todos visto que é um excelente atleta de rúgbi. O romance inicia quando os dois passam a sentar juntos todas as manhãs, e passam a ter uma envolvente amizade que os deixa cada vez mais próximos. O contato com Nick faz com que Charlie comece a ter sensações e sentimentos confusos em relação ao novo amigo, e embora saiba que envolver-se emocionalmente com um garoto hétero pode gerar frustrações diversas, o garoto resolve investir na relação. Não obstante, como podemos perceber nos pensamentos representados nos balões a seguir, o próprio Nick está em dúvida sobre os próprios sentimentos.



46

Figura 1 - Uma semana depois...
 Fonte: *Heartstopper*, Vol 1; Alice Oseman, 140 Páginas.

Como é possível notar na figura 1, além de fornecer contexto psicológico (sonho), os balões de pensamento também são instrumentais na criação/rompimento de suspense e na manipulação da tensão narrativa, gerando uma certa catarse, na medida em que revelam os pensamentos de um personagem

sem possibilitar que outras personagens da história tenham conhecimento. Como se percebe na figura 1 os garotos, possivelmente podem estar próximos da descoberta de que quando menos se espera, os sentimentos podem surgir nas formas mais surpreendentes e inesperadas e ao mesmo tempo podem trazer uma série de consequências, capazes de mudar a realidade das personagens.

A forma de construção da cena metalinguística, reforça que os quadrinistas podem construir uma antecipação, dos anseios, manias e intenções implícitas do adolescente (o que pode se aplicar a qualquer outro personagem em diversas circunstâncias), a tal ponto que elas se aproximem dos comportamentos de seres humanos reais, possibilitando a criação de nós e climaxes dotados de momentos de revelações que aumentam a imersão do leitor na história.

Ainda há na figura 1 uma discrepância entre o que é dito e o que é realmente sentido ou pensado. Em vista disso, Eisner (2010) aponta que se o balão de pensamento for usado adequadamente pelo artista sequencial vai oferecer uma maneira eficaz de mergulhar os leitores nos intra-universos das personagens e permitir uma conexão mais intensa em suas jornadas emocionais e psicológicas, principalmente, quando há um rompimento do padrão tradicional em formato de nuvem, fato que exigirá maior esforço da parte do leitor na busca de entender as múltiplas sensações e sentimentos das personagens na HQ.

De outra parte, a cor dos balões pode ser um indicador do estado emocional ou psicológico da personagem marcadora do pensamento. Para Cintra (1981), o uso de cores quentes pode contribuir para criação e expressar pensamentos apaixonados, mal-humorados ou energéticos, enquanto usar cores frias pode sugerir calma, tristeza ou introspecção. A opção pela utilização de tons cromáticos acrescenta uma camada de interpretação emocional interna dos personagens. Como se percebe na figura, o uso do branco remete à confusão que se passa na mente da personagem, ao mesmo tempo em que as reticências demarcam sua ausência de palavras para tal situação vivida. Seu estado emocional é ressaltado pelas nuances da fisionomia do rosto e dos olhos, fatores auxiliares na construção do recurso de pensamento.

O tom da opacidade ou brancura de um balão de pensamento deve ser ajustado para sugerir a clareza ou confusão dos pensamentos de uma personagem. Nesse contexto, balões mais translúcidos podem sugerir pensamentos fugazes ou

incertos, enquanto balões completamente opacos podem transmitir ideias firmes e decisivas. Esta sutileza visual, segundo McCloud (1995) orienta os leitores para a interpretação das condições mentais e emocionais das personagens sem a necessidade da utilização de palavras explicativas.



Figura 2 - Histórias dos X-Men.

Fonte: Por Que Os Balões de Pensamento Foram Praticamente Extintos? (2018)

A imagem representada na figura 2, extraída de uma narrativa em quadrinhos intitulada: as histórias dos “X-Men” de Chris Claremont, marca a indecisão dos heróis quase sempre caracterizada por reflexões dramáticas sobre a vida.

O uso dos balões de pensamento foi abandonado no início dos anos 90 e Stan Lee foi responsável por reduzir a relevância dos balões de pensamento nas HQs, repetindo a ação e o pensamento dos heróis em várias situações, justapondo palavras e imagens. Essa mudança refletia a percepção dos editores da época, em relação à presença de balões de pensamento nos quadrinhos (Braga Junior; Linares, 2022).



Figura 3 - Splashpages (2018).
 Fonte: <https://splashpages.wordpress.com/>.

A contextualização das figuras 2 e 3, demonstra uma diferença em relação à translucidez e aspecto nebuloso. A Figura 2 tem um tom transparente, enquanto a Figura 03 apresenta um aspecto nebuloso evidenciado pelos elementos sem cor azul. Além disso, a nebulosidade e a obscuridade são complementadas pela representação facial do personagem, em que múltiplas faces são desenhadas. Segundo Jenkins (2020), essa abordagem estética, combinada com o uso sequencial das múltiplas faces do personagem, acrescenta camadas de profundidade à composição visual.

A representação facial detalhada e expressiva presente em ambas as figuras é capaz de transmitir nuances emocionais e psicológicas, bem como reforçam a narrativa e o impacto visual da arte sequencial.

Os balões de pensamento ao longo dos anos, ainda são valiosos nas histórias em quadrinhos, permitindo que a perspectiva dos personagens seja expressa sem comprometer a arte ou a seriedade da história.



Figura 4 - Gavião Arqueiro, nº 4.

Fonte: Fraction, M. & Pulido, J. (2013, janeiro).

Este painel de Gavião Arqueiro (Hawkeye) mostra o novo estilo de balões de pensamento agora usados pelos escritores de quadrinhos na Figura 4 que reitera uma tendência da atualidade: as Histórias em quadrinhos estão abandonando o balão de pensamento tradicional em formato de nuvem conforme elucidada Braga Junior e Linares (2022). Isso se deve ao fato de que muitos criadores estão adotando formato semelhante, que é mais comum em monólogos.

A figura 4 mostra o novo estilo de balões de pensamento. A escolha de usar este estilo dá aos quadrinhos um tom sério, pois na contemporaneidade, o uso de balões de pensamento tradicionais pode transmitir uma sensação de exagero na história em quadrinhos Fraction e Pulido (2013). Isso ocorre, provavelmente, pela opção dos produtores modernos por novo estilo de balões de pensamento para criar uma atmosfera mais realista e narrativa, em contraste com a abordagem mais cartunesca e temporal dos balões de pensamento tradicionais.

Embora os tipos de balões de pensamento tenham evoluído com o tempo, eles continuam a ser úteis em quadrinhos. O estilo tradicional ainda permanece ativo para uma história em quadrinhos diária, porque ainda está associado a um estilo cômico de escrita em quadrinhos.

A imagem representada na figura 5 foi extraída de uma narrativa em quadrinhos intitulada: *Onde o Corpo Estava*, publicada em 2023, por Rubaker e Phillips. Trata-se de uma narrativa em que as ações são narradas em uma pensão em que coabitam no mesmo território vários drogados, uma idosa abandonada, uma jovem que pensa ser super-heroína. Um policial solitário e um detetive

particular que passa os dias à procura de uma garota fugitiva. Todas estas estórias têm um acontecimento em comum: a presença de um corpo assassinado.

A colisão das estórias é elucidada num fatídico verão em que são narrados uma encontros amorosos e assassinato nos subúrbios, retratado a partir de um universo de pontos ângulos de visões e testemunhos diversos. O que chama a atenção na narrativa é o fato de todos os vizinhos do quarteirão terem uma opinião sobre o assassinato e a forma como ocorreu. O conflito e clímax se estabelece no núcleo no relato dos personagens, porém apenas um é verdadeiro.



Figura 5 - Pensamento em monólogo.
Fonte: Onde o corpo estava (2023).

Com base no contexto narrado, a figura 5 mostra uma espécie de mudança no estilo de bordas dos balões, a fim de representar um fluxo de pensamentos da personagem. Chamamos a atenção para o fato de os balões, subverterem a noção original de balões em formato de nuvem. Na figura representada, a personagem aparece de boca fechada, e fumando um cigarro, o que remete imediatamente à ideia de que ela não está a falar, mas a pensar consigo mesmo os acontecimentos que serão relatados mais adiante, na narrativa.

No primeiro quadro da figura em tela, percebemos que o pensamento é materializado na forma do apêndice: a fumaça expelida pelo cigarro. Como é passível de nota, a presença de duas apêndices nos balões é outro fator que confirma a subversão, e ao mesmo tempo modernização do formato dos balões, o que implica a afirmação de que independente, da forma, os balões representarão os aspectos intersubjetivos e psicológicos da personagem retratada.

Além disso, a percepção criada pelo leitor da conexão visual entre o balão e a personagem – seja através de uma linha clara ou uma série de bolhas – pode indicar o fluxo e a intensidade do pensamento. Uma conexão direta e robusta pode

sugerir enfoques explícitos, enquanto uma linha mais frágil ou fragmentada em nuvem pode refletir a distração ou a dispersão dos pensamentos do personagem.

Ademais, a abordagem estilística enriquece a experiência estética da leitura de quadrinhos, transformando cada HQ em uma obra de arte que comunica em múltiplos níveis. A atenção aos detalhes no design dos balões de pensamento reflete o cuidado e a intenção dos artistas na criação de experiências de imersão narrativa e estímulos visuais. Tal experiência possibilita aos leitores maior contato com a cultura e memória, tão importantes para a construção da identidade social e leitora dos indivíduos tão carentes do contato com esta forma de arte.

Will Eisner, juntamente com outros teóricos e artistas renomados, como Scott McCloud, continuam a ser uma influência inspiradora na compreensão e na prática da arte sequencial. Sob o viés destes autores o enfoque que aqui adotamos destaca a importância dos balões de pensamento como uma ferramenta potencial que se reinventa e moderniza para atender às novas demandas e complexidades dos personagens e leitores modernos, para contar histórias cada vez mais envolventes

Em termos de design, os balões de pensamento são frequentemente estilizados de maneira distinta para se diferenciarem dos balões de fala, com bordas em forma de nuvem e uma cadeia de pequenas bolhas que os conectam ao personagem pensante. Esta escolha estética não só os torna imediatamente reconhecíveis, mas também evoca a natureza efêmera e fluida do pensamento, reforçando sua função narrativa, o que não inviabiliza a subversão deste formato para os mais modernos.

Essa interação e renovação entre design e conteúdo não só amplia a riqueza da narrativa visual, mas também engaja os leitores em um nível mais profundo, convidando-os a decifrar as camadas de significado por trás da apresentação gráfica. Ao analisar cuidadosamente o estilo dos balões de pensamento, os leitores tornam-se detetives de emoções, desvendando os subtextos emocionais e psicológicos que moldam a trama.

A utilização criativa desses elementos visuais pelos artistas demonstra a complexidade e a profundidade que podem ser alcançadas na narrativa gráfica, Embora atualmente ainda existam autores como Braga Junior e Linares (2022) afirmando que esta modernização se dê pela mudança de comportamento dos

leitores e produtores, materializados por um discurso de que os quadrinhos estão desassociados de infantilidade e necessitam de uma maior aproximação com expressões artísticas mais estabilizadas como o texto teatral, bem como o amadurecimento dos consumidores de narrativas sequenciais.

Ressaltamos que os autores ainda defendem o “(des)uso de algumas tipologias de balonário para inserção de textos narrativos nas histórias em quadrinhos estadunidenses de superaventura” (Braga Junior; Linares, 2022). Os autores defendem que não só a forma dos balões foi sendo abandonadas que atualmente é possível encontrar poucos exemplos destes elementos em HQs, sendo, portanto, usados para dar ares de modernidade, exceto quando o interesse é dar tons mais nostálgicos para as histórias narradas.

De nossa parte, o que cabe afirmar são as possibilidades de design dos balões de pensamento, os quais, nas HQs, podem transmitir sutilezas de emoção e pensamento, renovação, reinvenção e modernidade, que palavras sozinhas talvez não consigam expressar. Conjuntamente a essa análise, retomamos os escritos de Paulo Ramos (2023), quando, ao discutir sobre os estudos relacionados às HQs no Brasil, analisa:

Há poucos estudos no país que se propõem a discutir aspectos epistemológicos das histórias em quadrinhos. A tendência é a de essas ideias serem apropriadas de autores estrangeiros, como Daniele Barbieri (2017) ou Thierry Groensteen (2015), para ficarmos em dois nomes. Por destoar dessa tradição, obras brasileiras que enveredem pelo tema ganham singularidade pelo simples fato de abordarem algo costumeiramente delegado a pesquisadores de fora (Ramos, 2023, p. 11).

Entendemos, nesse viés, que a constituição deste estudo, ao se debruçar sobre a HQ *Castanha do Pará*, possibilita fortalecer os estudos relacionados às HQs no Brasil, dialogando com autores como Paulo Ramos (2022; 2023), Beatriz Carvalho (2017) e seu estudo sobre a HQ no campo da comunicação, bem como o estudo de Lucas Alves-Costa (2021), realizado na área da análise do discurso.

Alves-Costa, ao analisar as funcionalidades e características da HQ, destaca:

Talvez seja justamente por sua capacidade de ser também uma arte, que uma HQ reportagem, por exemplo, não seja consumida da mesma maneira que uma reportagem no rádio ou na TV. Não é da natureza da informação ser perecível, inscrita, e chegar ao estatuto de Obra. A informação é efêmera, e, exercida a sua função, o que resta seria só o registro dela. Já uma HQ ativa a memória discursiva sobre como os

desenhos, de modo geral, podem ter maior ou menor grau de qualidades estéticas e serem avaliados segundo tais ou tais convenções artísticas. Não se trata apenas de definir finalidades e reduzir o meio às suas funções comunicativas: há imensas diferenças referenciais, expressivas e apelativas entre a linguagem empregada em um manual técnico de montagem, uma campanha de vacinação e a obra de Joe Sacco, Dave McKean ou Paolo Serpieri (Alves-Costa, 2021, p. 45).

Em paralelo ao teórico brasileiro, junto aos nomes dos quadrinistas citados, acrescentamos o de Gidalti Jr., que transforma em arte o cotidiano vivenciado por Castanha, no Pará, em meio às violências que o atravessam. Ao construir um personagem que, ao mesmo tempo, tem o corpo de um menino e a cabeça de um animal – um urubu, o quadrinista, por meio da multimodalidade (Ramos, 2023), traz ao seu texto informatividade, fruição estética e provocações artísticas, também como elo de denúncia e de reflexão, em meio a sociedades pós-modernas que tratam animais de forma humanizada e animalizam seres humanos – neste caso, as crianças, sobretudo negras.

4 MODERNISMO E PÓS-MODERNISMO

O modernismo, antecessor do pós-modernismo, é caracterizado pela busca da inovação, originalidade e ruptura com as tradições estabelecidas. Lyotard (2015) entende essas tradições como padrões, normas e convenções culturais, sociais, artísticas ou literárias que são aceitos e seguidos em uma determinada sociedade. Os modernistas buscavam romper com essas tradições, questionando e desafiando as estruturas convencionais de expressão e representação (Lyotard, 2015).

A ruptura com as tradições estabelecidas, no contexto dos modernistas, impele à reflexão sobre a fragmentação e a incerteza do mundo moderno. Para Lewis (2007), a experimentação com a linguagem, a desconstrução da linearidade temporal e a representação da subjetividade tornaram-se marcas distintivas do modernismo. Autores como James Joyce, Virginia Woolf e artistas como Pablo Picasso e Marcel Duchamp desafiaram as noções tradicionais de forma e conteúdo, buscando capturar a essência da experiência humana em um mundo em constante mudança (Lewis, 2007).

A dinâmica social da modernidade também é marcada pela manutenção de instituições tradicionais como o patriarcado, a família e a religião, mesmo diante das transformações e inovações características desse período. Alves e Silva (2022) descrevem a modernidade como um período marcado pela regulação, repressão e busca pela ordem, refletindo uma rigidez nas relações sociais, científicas e de pensamento. A modernidade buscava um plano coletivo, priorizando a segurança sobre a liberdade individual e promovendo a emancipação do sujeito racional ou trabalhador, visando o desenvolvimento da riqueza (Lyotard, 2015).

A transição do modernismo para o pós-modernismo foi marcada por uma ruptura com as certezas e as narrativas totalizantes da modernidade. Enquanto o modernismo enfatizava a racionalidade, a unidade e o progresso, o pós-modernismo questionava essas noções, destacando a fragmentação, a diversidade e a relatividade das verdades. Essa mudança de paradigma refletiu-se nas obras de teóricos como Jean-François Lyotard, Jean Baudrillard e Michel Foucault, que desafiaram as estruturas hierárquicas e as metanarrativas da modernidade, abrindo

espaço para uma visão mais plural e descentralizada da cultura e da sociedade (Urbán, 2020).

O pós-modernismo traz consigo a crise das metanarrativas e a ascensão de uma sociedade fragmentada e descentralizada. Lyotard (2015) argumenta que a pós-modernidade é caracterizada pela incredulidade em relação às grandes narrativas que sustentavam a modernidade, como o progresso, a razão e a emancipação, assim como a importância da diversidade, da multiplicidade de vozes e da incompletude do conhecimento. Baudrillard (1994) vai dizer que vivemos em um mundo onde a realidade é constantemente simulada e reproduzida, perdendo sua conexão com referentes reais, o pensador questiona a distinção entre realidade e representação, sugerindo que estamos imersos em um universo de signos e simulacros.

Como um movimento cultural e intelectual que emergiu no final do século XX, o pós-modernismo surgiu como uma crítica reativa ao modernismo, de acordo com Lyotard (2015). Suas principais características incluem: a rejeição das metanarrativas, a valorização da diversidade, da fragmentação e da hibridização, a ênfase na pluralidade de perspectivas e na relatividade da verdade, bem como a intertextualidade e a autoconsciência artística. Teóricos importantes do pós-modernismo incluem Jean-François Lyotard, que enfatizou a incredulidade em relação às grandes narrativas, e Michel Foucault, com sua análise do poder e do conhecimento. Esses pensadores contribuíram para a compreensão do pós-modernismo como um período marcado pela diversidade, pela descentralização e pela complexidade cultural e intelectual (Godinho, 2016).

A concepção de sujeito na pós-modernidade torna-se fluida e multifacetada. Segundo Godinho (2016), a identidade emerge da interação complexa entre diversas forças e discursos presentes na sociedade contemporânea. Nesse contexto, a fragmentação inerente à pós-modernidade permeia a formação do sujeito, continuamente exposto a processos de descentralização e reconfiguração. Diante desse cenário, uma abordagem adequada requer o reconhecimento da natureza fluida e adaptável da pós-modernidade, caracterizada por uma constante negociação entre distintos discursos e influências socioculturais (Godinho, 2016).

O Pós-Modernismo se caracteriza pela utilização da paródia, do pastiche e da ironia como formas de subverter e questionar as convenções estabelecidas,

tanto na arte quanto na cultura. Segundo Jameson (2006), a paródia e o pastiche são marcados pela imitação caricatural, ao passo que a ironia desempenha um papel fundamental na elaboração dessas paródias e pastiches, sendo elementos significativos do pós-modernismo. O pós-Modernismo reflete a fragmentação das identidades individuais e coletivas, questionando a noção de uma identidade unitária e estável em um mundo marcado pela diversidade e pela multiplicidade de perspectivas.

O sujeito autônomo e autossuficiente do modernismo é desconstruído no pós-modernismo, revelando um sujeito fragmentado em um cenário onde as referências espaciais e temporais se dissipam. Foucault (1984) destaca que a essência da pós-modernidade reside na ideia de que o indivíduo não possui uma consciência autônoma, mas depende da interação comunicativa com os outros para construir suas identidades. Nesse contexto, os significados não são preestabelecidos, emergindo da comunicação e sendo influenciados pelo contexto, no qual não há universalidade nem permanência, mas sim localidade e temporalidade, moldando o significado por meio do consenso e das regras em constante transformação.

A discussão sobre as concepções de pós-modernidade, especialmente no embate entre David Harvey e Jean-François Lyotard, revela divergências significativas na interpretação desse fenômeno cultural. Enquanto Lyotard enfatiza a incredulidade nas metanarrativas como um elemento central do pós-modernismo, Harvey expressa a impressão de que o livro de Lyotard parece um "portentoso metarrelato de legitimação da cultura pós-moderna" (*apud* Godinho, 2016), sugerindo que a análise de Lyotard é pautada pelo desenvolvimento do conceito de pós-moderno, da substituição/descrência dos grandes relatos pelos pequenos relatos e da posição do saber nas sociedades mais desenvolvidas.

A crescente cumplicidade entre o pós-modernismo e a estetização da política é abordada criticamente por David Harvey e Jean-François Lyotard. Harvey (2016) destaca as implicações diretas da estetização da política nos conflitos geopolíticos e nas relações de poder assimétricas, sugerindo que ela pode resultar na concentração do poder por parte daqueles que dominam os jogos de linguagem. Por outro lado, Lyotard (2015) discute a descentralização dos grandes relatos e a valorização das micronarrativas na pós-modernidade, enquadrando também a

estetização da política como um fenômeno que legitima o poder através do jogo da linguagem.

Conseqüentemente, esse movimento pode resultar em uma maior fragmentação da identidade e suscetibilidade à manipulação por parte das estruturas de poder. Por outro lado, conforme entende Lyotard (2015), a descentralização dos grandes relatos e a valorização das micronarrativas podem proporcionar ao sujeito pós-moderno uma maior diversidade de perspectivas e uma maior liberdade para construir sua própria narrativa identitária, rompendo com as narrativas totalizantes do passado.

4.1 A sujeição do sujeito pós-moderno: reflexões sobre identidade, poder e fragmentação

A descentralização dos grandes relatos e a valorização das micronarrativas podem oferecer ao sujeito pós-moderno uma diversidade de perspectivas e liberdade para construir sua própria narrativa identitária. Conforme argumenta Lyotard (1988), essa abordagem permite romper com as narrativas totalizantes do passado e explorar a multiplicidade de vozes e experiências que compõem a identidade contemporânea. Nesse contexto, surge a necessidade de refletir sobre a sujeição do sujeito pós-moderno, considerando as interações complexas entre sujeição, poder e fragmentação (Lyotard, 1988).

Nesse contexto, a sujeição do sujeito, no âmbito do pós-modernismo, assume uma complexidade significativa, influenciada pela descentralização e fragmentação das identidades culturais. Conforme abordado por Stuart Hall na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), a noção de sujeição do sujeito é redefinida em um contexto onde as identidades são fluidas e múltiplas, desafiando concepções tradicionais de identidade estável e unificada; caracterizando-se por uma constante reconfiguração das subjetividades, influenciada por discursos e práticas que moldam as percepções individuais e coletivas, evidenciando a dinâmica e a diversidade das identidades na sociedade contemporânea.

Instituições, práticas disciplinares e discursos de verdade exercem influência sobre a construção e regulação das identidades individuais e coletivas. Para Foucault (1977), o poder opera de forma sutil e difusa, moldando as subjetividades

e impondo normas e padrões que afetam as experiências identitárias dos sujeitos. Essa influência pode descambar em violência e o deslocamento do centro para as margens. O sujeito excêntrico desafia a noção de um sujeito estável e centralizado, e em vez disso, reconhece a multiplicidade e a fluidez das identidades (Hutcheon, 2010).

O discurso pode levar à exclusão, violência e sujeição do sujeito na pós-modernidade por meio da construção de identidades sociais hierarquizadas e da imposição de narrativas dominantes que marginalizam determinados grupos (Sarup, 1996). As práticas sociais e discursivas estão intrinsecamente entrelaçadas com as relações de poder, influenciando a construção e regulação das identidades individuais e coletivas. Quando certas identidades são valorizadas em detrimento de outras, isso pode resultar em exclusão, discriminação e opressão (Woodward, 2000).

A descentralização de categorias de pensamento, na teoria pós-modernista, está intrinsecamente ligada à dependência dos centros que são contestados. Hutcheon (2010) observa que essa relação paradoxal revela que, mesmo ao buscar romper com estruturas centralizadas, o pós-modernismo não consegue escapar completamente da influência dos sistemas que procura desconstruir. Essa interdependência sugere que a própria noção de descentralização é definida em relação aos centros existentes, implicando em uma constante negociação entre a subversão e a sujeição do sujeito pós-moderno (Hutcheon, 2010).

O conceito de sujeição do sujeito, apresentado anteriormente, que destaca sua constituição a partir de interpelações e pertencimentos a diferentes grupos sociais, pode ser associado ao conceito de sujeitos subalternos proposto por Spivak (1991). Nesse sentido, a sujeição do sujeito pós-moderno está intrinsecamente ligada à sua condição de marginalização e opressão, evidenciando as dinâmicas de poder assimétricas presentes na sociedade. Enquanto o conceito de sujeição do sujeito destaca a conformidade com normas sociais e identidades preestabelecidas, a noção de sujeitos subalternos ressalta a falta de voz e poder político desses grupos, apontando para a necessidade de desafiar as estruturas de poder que perpetuam sua opressão (Spivak, 1991).

Nesse sentido, o silenciamento e a violência sobre o sujeito pós-moderno são temas centrais nas discussões acerca do meu objeto de pesquisa *As facetas*

de violência na HQ *Castanha do Pará*, destacando a maneira como as vozes e experiências dos grupos marginalizados são frequentemente apagadas e subjugadas. Spivak (2010) argumenta que a voz-consciência do subalterno é muitas vezes irrecuperável em si, levando a representações distorcidas e a falta de reconhecimento de sua posição na história. Esse silenciamento é resultado de uma violência epistêmica que molda como os sujeitos são representados e interpretados, perpetuando, assim, a dominação e a marginalização.

4.2 As múltiplas facetas da violência e marginalização na pós-modernidade

A violência pode ocorrer de várias formas, tais como: violência interpessoal (como violência doméstica, abuso infantil e agressão entre pares), violência coletiva (como conflitos armados e terrorismo) e violência autoinfligida (como suicídio e automutilação). Além disso, Krug (2002) reconhece que a violência é influenciada por uma variedade de fatores, abrangendo fatores individuais, familiares, comunitários e sociais, bem como fatores culturais, econômicos e políticos. Portanto, sua visão ampla e multidimensional da violência contribui para uma compreensão mais holística desse fenômeno e para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

A etimologia da palavra "violência" remonta ao latim *violentia*, derivado de "vis", que denota caráter violento, força, vigor, potência e emprego de força física (Bonamigo, 2008). Conforme definição da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014), a violência é caracterizada pelo uso de força física ou poder, seja em forma de ameaça ou ação direta, direcionada a si mesmo, a outrem, ou a um grupo ou comunidade. As consequências podem incluir sofrimento, morte, dano psicológico, comprometimento do desenvolvimento ou privação. Além disso, a OMS também define maus-tratos como formas específicas de violência, abrangendo diversas manifestações e contextos, sob essa perspectiva, a violência é qualificada como:

Toda forma de maus-tratos físicos e/ou emocionais, abandono ou trato negligente, exploração comercial ou outro tipo, da qual resulte um dano real ou potencial para a saúde, sobrevivência, desenvolvimento ou dignidade da criança, no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder (OMS, 2002, p. 59).

A violência é caracterizada como uma forma de ação, pensamento e sentimento que degrada e desumaniza o outro, reduzindo-o à condição de objeto manipulável. Segundo Marilena Chauí (2019), a violência não se limita apenas à criminalidade e delinquência, mas é uma manifestação presente nas relações sociais. Essa perspectiva pode ser analisada à luz da teoria crítica, que enfatiza as formas de opressão, dominação e exclusão presentes na sociedade (Foucault, 1975). Através dessa abordagem, compreende-se que a violência é uma expressão das relações assimétricas de poder, em que determinados grupos exercem superioridade sobre outros, negando a igualdade e reforçando estruturas hierárquicas e verticalizadas.

A expressão: “*Você sabe com quem está falando?*” é um exemplo de como a violência se manifesta através da imposição de superioridade, negando a igualdade entre as pessoas (Chauí, 2019).

Ao abordarmos sobre violência, concordamos também com a análise de Galtung (2004), para quem é fundamental destacar as dimensões teóricas significativas da violência, pois essas dimensões podem influenciar o pensamento, a pesquisa e, possivelmente, a resposta aos problemas mais significativos que permeiam a sociedade. Em seus estudos, esse autor defende que o conceito de violência deve ser suficientemente amplo para incluir as formas mais evidentes e suficientemente preciso para justificar ações concretas.

Galtung (2004) apresenta o conceito de triângulo da violência, que compreende a violência direta, que é visível e ocupa o topo do triângulo, enquanto a base é invisível, comportando a violência cultural e a violência estrutural.

A violência direta, física e/ou verbal, torna-se visível através do comportamento. Mas a ação humana não surge do nada: ela tem as suas raízes. Duas delas são indicativas: a cultura da violência (heroica, patriótica, patriarcal, etc.) e a própria violência estrutural, porque é demasiado repressiva, exploradora ou alienante; demasiado rigorosa ou permissiva para o conforto do povo (Galtung, 2004, p. 3, tradução nossa).

Galtung (2004, p. 3, tradução nossa) analisa ainda que “As grandes variantes da violência podem ser facilmente explicadas em termos de cultura e estrutura: a violência cultural e estrutural causa violência direta”. Nesse viés, ressaltamos que a violência advém de construções sociais e culturais, interseccionada pelas noções

provenientes da colonialidade, do capitalismo, do cis-heteropatriarcado, da heterossexualidade compulsória e agravada por outros preconceitos. De acordo com Galtung (2004, p. 5, tradução nossa),

O triângulo da violência tem os seus próprios ciclos viciosos. São conhecidos os efeitos visíveis da violência direta: os mortos, os feridos, os deslocados, os danos materiais; tudo isso afetando cada vez mais os civis. Mas os efeitos invisíveis podem ser ainda mais cruéis: a violência direta reforça a violência estrutural e cultural.

A partir dos estudos de Galtung (2004), Pureza e Moura (2005) explicitam que, para esse autor, a violência é multidimensional, estruturando-se de acordo com algumas distinções específicas. Nesse caso, Pureza e Moura (2005, p. 2) evidenciam:

A primeira é entre a violência física e a violência psicológica; a segunda é entre o uso de meios negativos ou positivos de influência; a terceira é entre violência com um objeto determinado e sem objeto; a quarta é entre violência com um sujeito identificado e violência sem sujeito; a quinta é entre violência intencional e violência não intencional; e a sexta é entre violência manifesta e violência latente.

Essa conceituação mais ampla de violência e o entendimento de que a violência é multidimensional, interrelacionada à perspectiva do triângulo, possibilita compreendermos que, quando tratamos da violência, de forma mais específica, estamos tratando não apenas da violência direta, física, mas também da estrutural e da cultural, que se relacionam diretamente à violência estatal, das instituições sociais, e à violência psicológica que se assenta em supostas relações de hierarquia e superioridade/inferioridade, como ocorrem nas relações entre homens e mulheres, por exemplo.

A sociedade brasileira possui uma estrutura oligárquica, hierárquica e verticalizada, caracterizada por relações de mando e obediência, dominação e opressão. Chauí (2019) argumenta que é importante ressaltar que os meios de comunicação e a internet desempenham um papel significativo na reprodução e amplificação desses processos de exclusão e violência simbólica. Através das redes sociais e de grupos fechados, a violência é perpetuada quando determinados indivíduos são tratados como ignorantes ou monstruosos, reforçando assim as desigualdades e a negação da igualdade.

Dentre as múltiplas facetas da violência, destacam-se ainda a **violência física**, que se caracteriza por agressões que causam danos diretos ao corpo da vítima, como socos, chutes, empurrões e outros tipos de lesões (Minayo, 2006). Para Dahlberg e Krug (2006), a violência física refere-se a agressões físicas diretas, como agressões corporais, infligindo dor e hematomas, tortura e homicídios. De acordo com a perspectiva de Ginzburg (2012), a violência física é uma manifestação extrema de agressão que não apenas causa danos corporais, mas também perpetua estruturas sociais de poder e dominação; e é acompanhada por uma narrativa que busca justificar ou legitimar tais atos, revelando a complexidade das relações humanas e a intersecção entre a violência e a cultura.

As consequências da violência física podem ser devastadoras, tanto a curto quanto a longo prazo. Além de lesões físicas imediatas, a vítima pode sofrer traumas psicológicos, problemas de saúde mental, perda da autoestima e até mesmo risco de morte (OMS, 2014). Pesquisas indicam que a violência física também está associada a problemas sociais, como absentismo no trabalho, custos elevados com cuidados de saúde e perpetuação do ciclo de violência (Krug *et al.*, 2002).

A violência física deve ser compreendida como uma ruptura profunda nas relações interpessoais. Hartling (2008) argumenta que a violência física, manifestada por meio de agressões diretas ao corpo, como socos, chutes e outras lesões, possui raízes em um contexto social marcado por desequilíbrios de poder, desigualdades e falta de conexão empática entre os indivíduos. Nesse sentido, Hartling (2008) afirma que a violência física surge como uma tentativa desesperada de restabelecer um senso de controle e dominância por parte do agressor, em detrimento do bem-estar e da integridade da vítima. Logo, a violência física deve ser compreendida como sintoma de um tecido social fragilizado, no qual a capacidade de estabelecer relações saudáveis, baseadas no respeito mútuo e na empatia, encontra-se severamente comprometida.

A violência psicológica é uma forma de agressão que impacta a saúde mental, exercendo um efeito prejudicial sobre a pessoa sujeita a ela. Este tipo de violência envolve ações que visam causar danos emocionais e psicológicos, como intimidação, ameaças verbais, humilhação e manipulação psicológica (Krahé, 2018). Segundo Johnson (2019), a violência psicológica é um aspecto fundamental

do abuso emocional, no qual o agressor utiliza táticas sutis para minar a autoestima e o bem-estar emocional da vítima. Nesse contexto, a violência psicológica pode manifestar-se por meio de insultos, desvalorização, manipulação emocional e controle coercitivo, tendo como objetivo exercer poder e controle sobre a vítima (Johnson, 2019).

A coerção é outra prática relevante para compreender a violência psicológica. Proposta por Stark e Hester (2019), a coerção psicológica é caracterizada pela utilização de ameaças, intimidação e manipulação emocional, resultando na submissão da vítima ao controle do agressor. Essa forma de violência busca não apenas influenciar o comportamento da vítima, mas também minar sua autoestima e autonomia e pode ocorrer em diversos contextos, como relacionamentos íntimos, ambiente de trabalho e instituições de poder. É importante destacar que a violência psicológica pode ter consequências graves para a saúde mental da vítima, incluindo transtornos de ansiedade, depressão e trauma psicológico (Smith *et al.*, 2018).

A violência psicológica sistêmica, além das abordagens mencionadas, é uma visão teórica contemporânea proposta por López (2021). Nessa abordagem, a violência psicológica é analisada como parte de um sistema de poder mais amplo, no qual as relações sociais, culturais e estruturais influenciam na perpetuação dessa forma de violência. López argumenta que a violência psicológica sistêmica ocorre dentro de um contexto de normas sociais e culturais que toleram ou até mesmo promovem comportamentos abusivos e de controle emocional (López, 2021). Segundo Nascimento (1994), essa forma de violência é uma violação dos direitos humanos, pois desrespeita a dignidade e a integridade da pessoa, contribuindo para a exclusão social e a marginalização dos indivíduos afetados.

A violência institucional refere-se a práticas e políticas que, embora não sejam necessariamente violentas em sua essência, resultam em danos e opressão a indivíduos ou grupos, especialmente em contextos sociais vulneráveis. Segundo Minayo (2001), essa forma de violência é frequentemente invisível, manifestando-se através da desigualdade na distribuição de recursos e oportunidades, afetando diretamente a qualidade de vida das crianças. Waksman, Zamataro e Gikas (2018) complementam essa visão ao destacar que a violência institucional pode se manifestar em serviços de saúde e educação, onde a falta de atenção e cuidado

pode levar a consequências prejudiciais para o desenvolvimento infantil. Além disso, conforme a definição da OMS (2002), a violência institucional pode incluir a negligência e a falta de proteção adequada, resultando em danos à saúde e dignidade das crianças, evidenciando a necessidade de políticas públicas que garantam a proteção e o bem-estar dos mais vulneráveis.

A violência institucional pode ser vista nas práticas de segurança pública, sob o pretexto de proteção. Zizek (2014) argumenta que essas práticas resultam em abusos e brutalidade policial, como evidenciado em casos de violência policial contra manifestantes ou comunidades e até adolescentes vulneráveis. Esses exemplos ilustram como a violência institucional se insere nas dinâmicas sociais, perpetuando ciclos de opressão e exclusão. Segundo Bourdieu (1996), essa forma de violência é invisível e se manifesta através de estruturas sociais que marginalizam certos grupos, como a população pobre ou minorias étnicas, por meio de políticas públicas ineficazes.

A violência simbólica refere-se a formas sutis de dominação que se manifestam por meio de representações e discursos que reforçam relações de poder desiguais e preconceitos. Conforme Bourdieu (1989), esse conceito surge da capacidade de certos grupos sociais de impor suas visões de mundo, valores e normas como universais, legitimando assim a desigualdade. As representações sociais, que incluem estereótipos e imagens construídas culturalmente, desempenham um papel crucial nesse processo, pois moldam a percepção que os indivíduos têm de si mesmos e dos outros, perpetuando a marginalização de grupos considerados "outros" ou inferiores (Bourdieu, 1989).

As consequências dessa violência simbólica são profundas, pois não apenas afetam a autoestima e a identidade dos indivíduos, mas também contribuem para a reprodução de estruturas sociais injustas, onde a dominação se torna invisível e aceita como parte da ordem natural das coisas. Além disso, no contexto educacional, a violência simbólica pode se manifestar através de práticas pedagógicas que desconsideram a diversidade cultural dos alunos, resultando em um ambiente que favorece a exclusão e a marginalização (Dávila *et al.*, 2020).

A expressão "intersecção entre cultura e poder" é importante para compreender a violência cultural porque destaca como as normas e práticas culturais estão intimamente ligadas às relações de poder dentro de uma sociedade.

No entendimento de Marilena Chauí (2019), a cultura não é um conjunto estático de tradições; ela é dinâmica e moldada por quem detém o poder. Assim, as ideologias e valores que prevalecem em uma cultura muitas vezes refletem os interesses e as perspectivas dos grupos dominantes, enquanto as vozes e experiências de grupos marginalizados são frequentemente silenciadas ou distorcidas.

Quando falamos de violência cultural, estamos nos referindo a como essas normas culturais podem legitimar e perpetuar a opressão e a violência contra determinados grupos. Por exemplo, em muitas sociedades, práticas como o machismo são justificadas por normas culturais que promovem a ideia de que os homens devem ser os provedores e as mulheres, as cuidadoras. Essa construção cultural não apenas normaliza a desigualdade de gênero, mas também pode legitimar a violência contra as mulheres, visto que a agressão pode ser interpretada como uma forma de "manter a ordem" ou "proteger" a família (Chauí, 2019).

Portanto, a intersecção entre cultura e poder revela que a violência cultural não é apenas uma questão de comportamentos individuais, mas sim um fenômeno social que está enraizado em estruturas de poder que definem quem é considerado "normal" ou "aceitável" e quem é marginalizado.

A violência estrutural refere-se a formas de violência que são incorporadas nas estruturas sociais, como desigualdades econômicas, discriminação sistemática e acesso limitado a recursos e oportunidades (Farmer, 2004). Esses diferentes tipos de violência interagem e se perpetuam, contribuindo para a subjugação e a marginalização de determinados grupos sociais. É por meio da compreensão desses tipos de violência e de suas interações que se torna possível investigar suas causas, consequências e formas de enfrentamento, visando a construção de sociedades mais justas e igualitárias.

A violência nas relações interpessoais na sociedade contemporânea é um tema de pesquisa relevante e constante. De acordo com o Relatório Global sobre Violência e Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), a violência é uma das principais questões de saúde pública, sendo responsável por uma parcela significativa da morbidade e mortalidade em todo o mundo. Segundo Krug (2002), a violência se manifesta de várias formas e em diferentes contextos, desde a infância até a idade adulta, afetando indivíduos, famílias e comunidades. A violência

interpessoal, que inclui a violência doméstica, é um dos tipos mais comuns de violência.

A violência tem sido um tema recorrente nas pesquisas de estudiosos da literatura, pois a literatura sempre foi um canal privilegiado para a exploração de uma ampla gama de questões relacionadas ao ser humano e suas sociedades (Braem; Oliveira, 2020). Além disso, a obra *Topologia da Violência* de Byung-Chul Han (2017), aborda a complexidade dos diferentes tipos de violência, desde a macrofísica até a microfísica, destacando a evolução e as transformações dessas manifestações ao longo do tempo. A análise dessas perspectivas contribui para maior compreensão da violência e de suas implicações nas dinâmicas sociais e individuais.

Existem elementos que permanecem constantes ao longo do tempo e a violência é um deles. A repulsa à violência não é uma característica exclusiva da pós-modernidade. Para Han (2017), a violência é flexível e suas formas de expressão se adaptam de acordo com o contexto social. Atualmente, ela se manifesta em níveis mais sutis, em espaços subcutâneos, subcomunicativos, capilares e neuronais, assumindo uma natureza microfísica que pode ser exercida sem a presença evidente de dominação ou hostilidade. Ela transita do visível para o invisível, do tangível para o virtual, do físico para o psicológico, do negativo para o positivo, o que pode dar a impressão equivocada de que desapareceu.

Na sociedade disciplinar, a violência se manifesta de forma mais sutil, através da deformação dos indivíduos por meio de mecanismos de controle e disciplina (Han, 2017). A HQ *Castanha do Pará*, de Gidalti Moura Jr (2018), aborda questões sociais, culturais e de violência por meio da representação visual dos personagens, que possuem cabeças de animais para as crianças e uma aparência "normal" para os adultos. Essa abordagem provoca uma reflexão sobre a marginalização e a invisibilidade social enfrentadas por crianças em situação de vulnerabilidade, evidenciando como a violência pode se manifestar de maneiras diversas na sociedade, seja de forma sutil através de mecanismos de controle, ou de maneira mais explícita nas condições de vida e sobrevivência de personagens como Castanha (Han, 2017).

Estudos da Organização Mundial da Saúde - OMS (2021) estimam que cerca de 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo já tenha sofrido violência física por

parte de outra pessoa que não seja seu parceiro. A violência física caracteriza-se pelo uso da força física para causar dano ou lesão a uma pessoa ou grupo de pessoas, podendo manifestar-se de diversas formas, como agressões, espancamentos, homicídios, entre outros atos que resultam em danos corporais. A violência física é uma das formas mais evidentes e impactantes de violência, deixando marcas não apenas no corpo da vítima, mas também na sociedade como um todo, ao desrespeitar a integridade e dignidade humana (Minayo, 2006).

Na pós-modernidade, a violência transcende as fronteiras físicas e adentra os domínios simbólicos, moldando relações de poder e perpetuando a marginalização social. De acordo com Bourdieu (2012) a exclusão social figura como uma das formas mais violentas de nossa sociedade, privando os indivíduos de perspectivas e poder de ação. Isso significa que a violência simbólica opera de maneira sutil e imperceptível, não como violência direta, mas sim como um sistema de normas, valores e práticas que perpetuam a desigualdade e a exclusão. As pessoas podem consentir com essa imposição sem questioná-la, o que contribui para a manutenção das estruturas de poder e das hierarquias sociais (Bourdieu, 2002).

Violência mascarada e imperceptível exerce um controle silencioso e eficaz sobre os indivíduos, moldando suas percepções, comportamentos e relações sociais. Nesse contexto, Zizek (2014) destaca a importância de reconhecer que a violência pode se manifestar de maneiras sutis e insidiosas, influenciando profundamente a vida cotidiana das pessoas. Por essa perspectiva, é possível compreender como estruturas de poder e controle podem atuar de forma invisível na sociedade, reforçando a necessidade de uma análise crítica e consciente das diversas formas de violência.

A cultura de violência é enraizada e perpetuada pela sociedade, impondo a necessidade de uma conscientização coletiva para sua superação, como apontado por Machado e Dias (2007). Bourdieu (2012) destaca que a construção das identidades masculinas é fortemente influenciada por essas percepções culturais, restringindo a expressão autêntica do indivíduo e reforçando a marginalização do sujeito, que não se restringe apenas às ações do outro, mas também se manifesta internamente na construção da identidade.

A imposição de padrões culturais hegemônicos faz com que os sujeitos sejam compelidos a se adaptarem, gerando um conflito entre sua verdadeira identidade e a performance esperada pela sociedade. Essa tensão pode levar a uma crise de identidade, na qual o sujeito se sente dividido entre ser autêntico e se encaixar (Bourdieu, 1994). Além disso, a violência pode afetar a identidade do sujeito, questionando seus valores e crenças fundamentais. Quando certos grupos são sistematicamente excluídos das narrativas dominantes, eles podem se sentir marginalizados e desvalorizados, o que pode levar a sentimentos de alienação e isolamento. Essas condições propícias podem resultar em violência física, emocional ou psicológica (Han, 2017).

A teoria do conflito social tem sido amplamente utilizada para explicar a ocorrência da violência interpessoal. Segundo Collins (2008), a violência surge como resultado das desigualdades e dos conflitos sociais presentes na sociedade. O autor argumenta que a violência é um produto da interação entre indivíduos e grupos que competem por recursos limitados e que utilizam a violência como uma estratégia para alcançar seus objetivos.

Sobre a violência nas relações interpessoais, é crucial destacar que a violência não pode ser simplesmente reduzida a um fenômeno biológico ou psicológico. É fundamental compreendê-la também como um fenômeno cultural e estrutural. Foucault (1975) argumenta que a violência está intrinsecamente ligada às relações de poder e aos mecanismos de controle presentes na sociedade. Essa forma de poder não se manifesta apenas de maneira coercitiva e violenta, mas também de forma mais sutil e difusa por práticas discursivas, institucionais e sociais. Segundo o autor, o poder não está concentrado em mãos específicas, mas é disseminado e operado em várias esferas da sociedade (Foucault, 1975).

A violência epistêmica é uma forma de neutralizar o Outro, seja ele subalterno ou colonizado, invisibilizando-o e expropriando-o de qualquer possibilidade de representação, silenciando-o. Gayatri Chakravorty Spivak, em sua obra *Pode o Subalterno Falar?* (1988), aborda que esse silêncio não é apenas marginal, mas tem implicações significativas na vida dos sujeitos, ligando o não-dizer à história e à ideologia. Essa forma de violência é destacada como uma estratégia de opressão e controle sobre os subalternos. As mulheres, em particular, enfrentam obstáculos adicionais devido ao gênero e à posição social.

Fatores estruturais desempenham um papel fundamental na promoção da violência entre indivíduos. Conforme discutido por Bandura (2001), a violência estrutural é uma forma de agressão que ocorre quando algumas pessoas são mantidas em uma posição de desvantagem em relação às outras pela própria maneira como a sociedade está organizada, afirmando que a mudança social requer tanto uma mudança nos comportamentos individuais quanto nas estruturas sociais.

5 A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA OBRA CASTANHA DO PARÁ

A obra *Castanha do Pará* é uma contribuição importante para o campo dos quadrinhos contemporâneos por sua abordagem sobre a temática da violência. Através de sua narrativa visual, o cartunista Gidalti Moura Jr. explora os aspectos das diferentes manifestações de violência presentes na sociedade, seja ela física, psicológica ou estrutural. Ao trazer à tona tais questões, a obra desperta a reflexão do leitor e o convida a problematizar e questionar as dinâmicas violentas presentes em nosso cotidiano.

Além disso, a utilização do formato dos quadrinhos permite uma comunicação impactante e acessível, ampliando assim o alcance do discurso sobre violência e possibilitando a disseminação de uma mensagem de conscientização e transformação social. Dessa forma, a HQ *Castanha do Pará* se destaca como uma obra relevante para a compreensão da temática da violência na sociedade contemporânea.

Castanha do Pará se passa em Belém, capital do estado do Pará, e apresenta a história do menino Castanha, que foge de casa após a mãe, Mariazinha, matar o namorado, Geraldo, homem violento que agredia ambos. Após o assassinato, Mariazinha desaparece para não ser presa. Dona Nazaré, a avó de Castanha, passa o dia na janela, aflita, aguardando o retorno do menino.

A narrativa inicia-se após dona Iracema, a vizinha de dona Nazaré, chamar a polícia para tentar localizar o menino. É a partir do relato de Iracema ao Capitão Peixoto, o policial encarregado de descobrir o paradeiro de Castanha, que a história é narrada.

A técnica de aquarela utilizada por Gidalti Moura Jr. na criação de *Castanha do Pará* desempenha um papel fundamental na construção visual da obra. As cores suaves e sutis transmitem uma atmosfera melancólica, contribuindo para a representação dos ambientes opressivos pelos quais o protagonista passa. Além disso, a utilização da aquarela permite a expressão de emoções de maneira intensa, por meio de traços fluidos e pinceladas que conferem vida e profundidade aos personagens e cenários.

O formato dos quadrinhos (também chamados de *vinhetas*) em *Castanha do Pará* é sobretudo retangular e quadrado, com a presença pontual de algumas

Splash Pages, nos momentos em que o objetivo é retratar, de forma panorâmica, o ambiente urbano. Algumas vinhetas não contêm linhas demarcatórias, como é comum nos quadrinhos modernos.

Quase todos os personagens e cenários são desenhados de forma realista, com exceção dos personagens adolescentes, que são representados com cabeças de animais. Castanha, por exemplo, tem feições de urubu, já os colegas com quem joga bola possuem cabeças de gato, macaco, porco, cachorro etc.

A narrativa de *Castanha do Pará* é construída a partir de *flashbacks*. Dona Iracema vai contando para o capitão Peixoto, e para o leitor também, o passado de Castanha. A mãe do menino, Mariazinha, saiu de Cotijuba, uma ilha próxima a Belém, para a capital. Em Belém, ela trabalhou como prostituta até engravidar. Pouco tempo depois, apaixona-se por Geraldo, homem violento que andava sempre desempregado. Quando Castanha nasce, Geraldo torna-se uma espécie de figura paterna. Tanto a mãe quanto o filho sofrem diversas agressões por parte de Geraldo. Até que um dia, Mariazinha rebela-se e mata o companheiro com uma facada.

O espaço da narrativa é, predominantemente, urbano. Ao longo da história, vemos diversos personagens oriundos da classe trabalhadora: vendedores ambulantes, feirantes, policiais, taxistas, seguranças privados, motoristas de ônibus, trombadinhas, pinguços. Além disso, os diálogos na obra contêm uma forte marca de oralidade, os personagens utilizam expressões e gírias típicas dos falantes da capital paraense.

O próprio Castanha é um personagem tipicamente urbano, sempre perambulando pelas ruas de Belém. Após a morte de Geraldo e o desaparecimento da mãe, ele foge de casa e passa a viver na rua. Sem dinheiro e sozinho, tenta debalde praticar alguns furtos na feira do Ver-o-Peso para poder comer, mas é sempre impedido pelos próprios comerciantes, o que indica sua inaptidão para o crime. Em algumas passagens, Castanha aparece inalando cola de sapateiro, que é uma droga usualmente associada às crianças e adolescentes em situação de rua e que pode causar alucinações visuais e auditivas. É através da droga, e dos efeitos que ela causa em sua mente, que Castanha encontra uma fuga daquela realidade tão opressora e violenta.

O foco narrativo recai sobre a personagem dona Iracema, pois é a partir dela que o leitor toma conhecimento da vida pregressa de Castanha, sendo, portanto, um narrador-testemunha (Friendman, 1955, *apud*, Leite, 1985).

Castanha do Pará aborda temas relevantes e sensíveis, como violência doméstica, exclusão social e sobrevivência nas ruas. A obra retrata de maneira realista as dificuldades enfrentadas por pessoas em situações de vulnerabilidade, destacando a resiliência e a busca por uma vida melhor. Além disso, a história levanta reflexões sobre a importância da empatia, solidariedade e compreensão em uma sociedade marcada por desigualdades (Moura Jr., 2018).

A partir de agora iremos apresentar uma análise das cenas mais relevantes da obra *Castanha do Pará* que abordam situações marcadas pela violência. O objetivo é mostrar de que forma a violência se faz presente como elemento constituidor da narrativa.

Destacamos, nesse sentido, que uma das facetas de violência mais latentes nessa HQ é aquela que identificamos como violência de gênero. Mariazinha, durante todo o tempo, é agredida por Geraldo, tanto fisicamente quanto psicologicamente, configurando, ainda, outros tipos de violência, como a doméstica e a psicológica, além da violência patrimonial, visto que, muitas vezes, é ela quem sustenta a casa.

A base da violência de gênero está em uma conjunção de opressões, hierarquias, relações de poder, subalternidade e discriminações, o que evidencia que essas violências ocorrem de forma interseccional. Socialmente, essa intersecção de diversos fatores que impulsionam para a violência direta, acarreta, em último caso, no tocante à violência contra mulheres, no feminicídio, estruturado a partir de supostos papéis de gênero, que encaminham à ideia de mulher como inferior frente ao homem ou, ainda, de mulher como propriedade dos homens.

As ciências sociais desenvolveram a categoria de gênero para examinar e descrever esse conceito social e como as relações de poder desiguais entre homens e mulheres são formadas. A característica descritiva da categoria ajuda a entender como as construções sociais se apropriam de diferenças biológicas e sexuais entre homens e mulheres para construir um discurso social, moral e religioso de atribuição de características e discordâncias a cada sexo, com papéis definidos por essa construção social. Tais funções foram associadas a vários

cargos e esferas das vivenciais sociais, que são valorizados de forma distinta em termos de economia, política, sociedade e cultura. Essa construção cultural, ligase, assim, às noções de papéis de gênero.

Os papéis de gênero são comportamentos aprendidos em uma sociedade, comunidade ou grupo social, nos quais seus membros estão condicionados para perceber certas atividades, tarefas e responsabilidades como masculinas ou femininas. Estas percepções estão influenciadas pela idade, classe, raça, etnia, cultura, religião ou outras ideologias, assim como pelo meio geográfico, o sistema econômico e político. Com frequência se produzem mudanças nos papéis de gênero como resposta às mudanças das circunstâncias econômicas, naturais ou políticas, incluídos os esforços pelo desenvolvimento, os ajustes estruturais e ou outras forças de base nacional ou internacional. Em um determinado contexto social, os papéis de gênero dos homens e das mulheres podem ser flexíveis ou rígidos, semelhantes ou diferentes, complementares ou conflituosos (CEPAL, 2006, p. 225 *apud* Brasil, 2016, p. 32).

Esses papéis de gênero, por sua vez, implicam diretamente numa falsa noção de superioridade masculina e de inferioridade feminina. Para Vigano e Laffin (2019), discutir sobre violências de gênero envolve, necessariamente, o “reconhecimento de um sofrimento discriminatório e violento sofrido ao longo dos tempos pelas mulheres, resultando em um tipo especial de violência estruturado na hierarquia de gênero, cunhado nos moldes do patriarcado.” As pesquisadoras evidenciam que esse contexto vivenciado “fez com que as mulheres fossem reduzidas a uma fragilidade culturalmente apropriada que as fez [...] destinadas a serem violentadas fisicamente e psicologicamente” (Vigano; Laffin, 2019). Em conformidade a essa perspectiva, destacamos a análise de Poggio (2012, p. 89) sobre as relações de gênero na sociedade e, conseqüentemente, as violências que advêm de tais relações:

As questões de gênero estão vinculadas às expressões do masculino e do feminino, atribuídas historicamente, por meio de imposições sociais e culturais. Essas imposições de caráter biológico, em nossa cultura, estão estritamente ligadas aos papéis que cada um/a tem que assumir socialmente. Acabam sendo injunções sociais e culturais, convenções de naturalização de papéis que designaram poder ao homem e promoveram, como resultado, uma sociedade machista e sexista. Desse modo, a discussão sobre gênero e violência é fundamental para evidenciar os determinismos impostos na sociedade.

Na narrativa de Castanha do Pará, no entanto, Mariazinha se desespera com todo o contexto de violência que ela e o filho sofrem, visto que Geraldo agredia Castanha de muitas formas. A cena de abertura traz Geraldo açoitando Castanha

com um cinto em riste (Figura 1). Na primeira página, uma *Splash Page*, vemos em primeiro plano a mão do padrasto desferindo um golpe contra o menino-urubu, que está em segundo plano. Em termos cinematográficos, temos um enquadramento “subjetivo”, a partir do ponto de vista do olhar de Geraldo, ou seja, o leitor passa a ver a imagem como se fosse o próprio personagem em cena.

A própria configuração visual da página de abertura de *Castanha do Pará* [...] coloca a arma do agressor, o cinto, nas mãos do leitor. É como se a sociedade, por sua falta de conhecimento ou de sua acomodação, fosse conivente ou tomasse parte das ações violentas desse padrasto autoritário e inconstante que, tal como um Estado falho no tratamento às suas crianças, também o faz em relação aos produtos culturais de seus artistas (Jacques, 2021, p. 117-118).

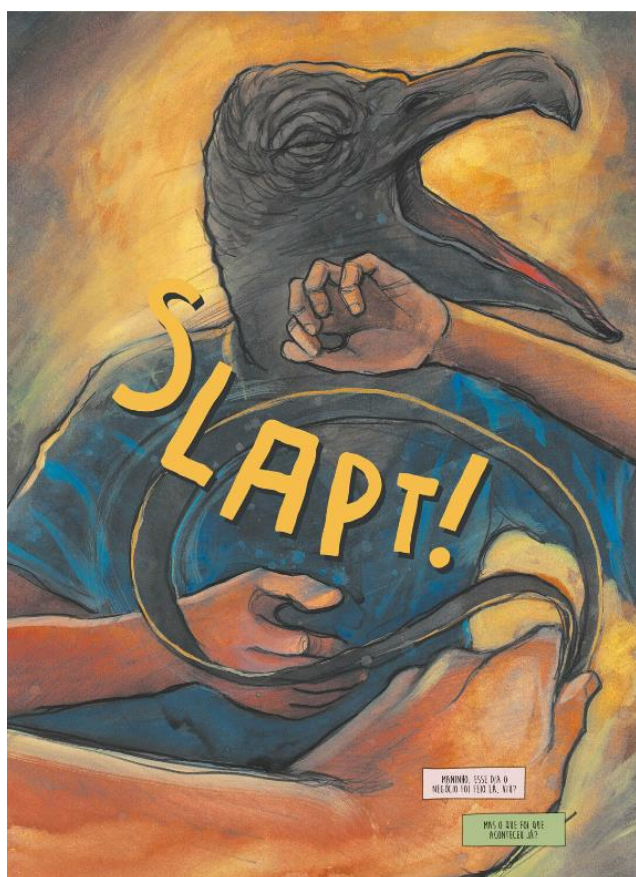


Figura 6 - O padrasto agride Castanha (violência física).
Fonte: Moura Junior, 2018, p. 9.

Na página seguinte (Figura 2), que contém sete vinhetas, é mostrado, em plano médio, o rosto de Geraldo, homem de meia-idade, com barba e cabelos escuros: “Cadê o machinho de ainda agora? Cadê?”, diz ele para Castanha.



Figura 7 - Agressões verbais.
Fonte: Moura Junior, 2018, p. 10.

No quadro seguinte, num plano conjunto e a partir de um ângulo superior, de cima para baixo, vemos Castanha caído no chão e seu padrasto em pé ao seu lado. Novamente a cena é mostrada sob o ponto de vista de Geraldo, como se a câmera estivesse posicionada sobre seus ombros.

Na terceira vinheta, ainda em um plano conjunto, porém sob um outro ângulo, Geraldo fala para Castanha: “Tu és um merda! Isso, sim! Um bosta de um merdinha”. A quarta vinheta apresenta, pela primeira vez, a mãe de Castanha, Mariazinha, ela presencia a situação toda, alarmada e impotente diante das agressões. Geraldo continua com os insultos: “Realmente, tu não és meu filho. Não tenho um filho merda que nem tu. Seu merda!”. Através das ofensas verbais é possível identificar a presença da violência psicológica. Ao final da cena, Geraldo chuta Castanha: “Para de chorar, mermão!”. E, finalmente, é contido por Mariazinha. “Te tirei da lama, sua piranha!”, grita Geraldo para ela. Através dessa passagem de abertura é possível perceber que as violências física e psicológica eram direcionadas principalmente à mulher e ao menino.

Dona Iracema narra outra sequência marcada pela violência física e psicológica (Moura Junior, 2018, p.18): Geraldo chega em casa e começa a agredir

verbalmente Mariazinha dentro do quarto. A cena mostra a porta do quarto fechada, em um plano geral, e, através do letreiramento, as ofensas de Geraldo à mulher: “Piranha, isso sim!”, “Cala a boca!”. Por meio da legenda, na terceira vinheta, temos a narração de dona Iracema: “Eras maninho...Essa era judiada que só, a pequena”.

Castanha, ao ouvir as agressões direcionadas à mãe, chuta a porta do quarto e entra: “Larga minha mãe!”, diz ele a Geraldo. Este, por sua vez, desfere um golpe de cinto contra Castanha. A avó de Castanha, com o intuito de proteger o menino, manda-o ao mercado comprar cigarro e cinco pães (Moura Junior, 2018, p.22).

Outro exemplo de violência psicológica está na cena em que um feirante avista Castanha dormindo em frente à sua barraca de venda (Moura Junior, 2018, p.24). “Eu disse que não quero vagabundo na minha barraca!!! Rasga Trombadinha!!!”, grita o feirante. A violência psicológica aqui se dá através da humilhação e agressão verbal. Escorraçado pelo feirante, Castanha vai embora, inalando uma substância conhecida como cola de sapateiro, solvente orgânico comumente associado às crianças em situação de rua (Moura Junior, 2018, p. 25).

Dentre as principais drogas utilizadas, os solventes orgânicos chamam a atenção pela precocidade da procura pela droga por seus usuários. Tipicamente, o uso dessas substâncias se inicia no final da infância e início da adolescência (...) Seu vasto uso pode ser explicado pela sensação de euforia que provocam, por seu fácil acesso e baixo custo (Ferraz; Sholl-Franco, 2007, p. 2).

Em outro momento da narrativa (Moura Junior, 2018, p. 32-33), Castanha sai correndo por entre as barracas da feira do Ver-o-Peso após tentar furtar, em vão, uma fruta para comer. Ele acaba esbarrando em um vendedor ambulante e cai no chão. Um homem, não se sabe se um feirante ou um mero transeunte que passava por ali naquele momento, agarra-o pelo pescoço e exige que o menino devolva tudo o que, supostamente, ele teria roubado. Castanha afirma não ter pegado nada. Após revistar o menino-urubu e confirmar que ele, de fato, não tinha nada, o homem desfere uma “caxuleta” (tapa dado com os dedos indicador e médio, de cima para baixo, no antebraço) em Castanha.

A violência presente neste excerto é tanto física quanto psicológica. O homem, além de acusar Castanha de roubo, submete-o a humilhações e xingamentos.



Figura 8 - Violência física.
Fonte: Moura Junior, 2018, p. 32.

A “caxuleta” aqui serve como recurso de transição para a cena seguinte (Moura Junior, 2018, p. 34) em que Castanha está jogando bola com outros meninos na rua e um deles desfere uma “caxuleta” em Vitinho, filho de dona Iracema. Aqui, o tapa é dado como castigo por ter roubado no jogo.

No decorrer da cena, podemos ver que o jogo de futebol dos garotos (em que as traves do gol são improvisadas com chinelos) é marcado pela violência. Ao errar um gol, Castanha é agarrado pelo pescoço por um dos meninos e precisa decidir se leva uma “caxuleta” ou fuma uma “birra” (cigarro de maconha): “Escolhe! Ou paga ou fuma birra! Anda! escolhe!”, ordena o garoto (Moura Junior, 2018, p. 35).



Figura 9 - Violência física e psicológica entre os meninos.
Fonte: Moura Junior, 2018, p. 35.

A violência física também aparece de modo explícito na cena em que Mariazinha mata Geraldo com uma facada pelas costas (Moura Junior, 2018, p.53). A cena é contada através de flashback por dona Iracema em apenas três quadros. Na primeira vinheta, vemos, em um plano conjunto, Mariazinha atrás de Geraldo, o ângulo de visão está colocado levemente abaixo, como que num *contra-plongée*, focalizando os dois de baixo para cima. O padrasto está de pé com uma garrafa de bebida nas mãos, ele olha para frente de modo displicente e distraído. Mariazinha, por seu turno, está com o corpo inclinado para trás, o braço direito em riste, segurando a faca, como que pegando impulso para o ataque.

Na segunda vinheta, temos o ataque mortífero. O ângulo está mais próximo e na altura de visão dos personagens. A mãe de Castanha está com a faca cravada

em Geraldo, sua expressão é neutra, já o semblante do padraсто denota menos dor do que surpresa. Ele ainda segura a garrafa nas mãos e, próximo ao local onde a faca perfura as suas costas, vemos algumas gotas de sangue e a onomatopeia “TUFF!”.

No terceiro e último quadro, num ângulo de cima para baixo, vemos Geraldo caído no chão, inerte, e Mariazinha próxima a ele, de pé. Nas legendas temos a narração de dona Iracema: “Só deu-lhe uminha mesmo. E o seu Geraldo levou o farelo. Eras tu não soube dessa história, não?” (Moura Junior, 2018, p.53).



Figura 10 - Mariazinha mata Geraldo.
Fonte: Moura Junior, 2018, p. 53.

Outras cenas menores também mostram as violências cotidianas praticadas contra Castanha: a mulher que joga um balde d’água fria no menino, por este estar dormindo na frente de sua barraca. Ou ainda, o taxista que suspeita que Castanha pretende furtar a bolsa de uma transeunte (Moura Junior, 2018, p.62) e interroga-o acerca de sua vida: se trabalha ou estuda, se tem pai e mãe, se sabe ler e escrever. Cético quanto à veracidade das respostas, o taxista desfere um pontapé contra Castanha. Tais cenas exemplificam a violência psicológica (através da humilhação e do constrangimento) e a violência física (balde de água fria e pontapé) sofridas por Castanha.

Para finalizar, é possível perceber como os conceitos de silenciamento, exclusão e violência presentes na narrativa de *Castanha do Pará* dialogam de maneira significativa com a obra de Franz Kafka, especialmente em relação à sua representação da alienação e da opressão do indivíduo na sociedade moderna. Assim como a personagem Castanha, que é marcada por uma dualidade que a torna um símbolo da marginalização, os protagonistas kafkianos frequentemente enfrentam situações de incompreensão e desumanização, refletindo uma luta constante contra forças sociais e burocráticas que os oprimem.

A transformação de Castanha em uma criatura híbrida, que carrega a carga simbólica de um urubu, ecoa a metamorfose de Gregor Samsa em *A Metamorfose*, onde a mudança física do protagonista resulta em um profundo isolamento e na perda de sua identidade. Ambos os personagens são confrontados com a violência da exclusão social, sendo tratados como "outros" em suas respectivas realidades, o que evidencia a crítica à indiferença da sociedade em relação ao sofrimento humano.

Além disso, a narrativa kafkiana frequentemente explora a ideia de um sistema opressivo que silencia a voz do indivíduo, semelhante ao que Schøllhammer (2013) descreve em relação à literatura contemporânea que busca dar voz aos silenciados. A luta de Castanha para ser reconhecido e compreendido em um mundo que o marginaliza ressoa com a experiência kafkiana de personagens que, apesar de sua busca por significado e conexão, são frequentemente deixados à mercê de forças que não conseguem controlar.

A obra de Schøllhammer (2013), *Cena do Crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*, discute como a literatura contemporânea busca evocar realidades que vão além da mera representação, utilizando a violência como um elemento central para a construção de narrativas que refletem a complexidade da experiência humana em contextos de exclusão e sofrimento. Assim, *Castanha do Pará* se insere nesse debate ao apresentar uma narrativa que não apenas documenta a vida dos personagens, mas também explora a relação intrínseca entre a violência e a identidade, revelando como as experiências traumáticas moldam a subjetividade e a linguagem dos indivíduos. A HQ, portanto, pode ser vista como uma forma de realismo afetivo, onde a representação da violência não é apenas

um recurso estético, mas uma ferramenta crítica que provoca reflexões sobre a condição humana e a sociedade contemporânea.

A personagem Castanha, com seu corpo de criança e cabeça de urubu, simboliza de maneira contundente o silenciamento e a exclusão que permeiam a vida dos marginalizados na sociedade contemporânea. Essa dualidade física não apenas reflete a vulnerabilidade da infância, mas também a brutalidade da realidade que a envolve, onde a inocência é frequentemente confrontada pela violência e pela indiferença social. Sob a ótica de Schøllhammer, a figura de Castanha pode ser interpretada como uma representação da "violência simbólica", que se manifesta na negação da voz e da dignidade dos indivíduos que habitam as periferias urbanas. A transformação de Castanha em uma criatura híbrida, que carrega a carga simbólica de um urubu, sugere uma crítica à forma como a sociedade vê e trata aqueles que são considerados "outros", relegando-os a um estado de invisibilidade e desumanização.

Além disso, a narrativa de *Castanha do Pará* expõe a crueldade da exclusão social, onde a personagem é constantemente confrontada com a violência física e psicológica, refletindo a realidade de muitos que vivem à margem. A obra de Schøllhammer enfatiza que a literatura contemporânea não apenas documenta essas experiências, mas também busca dar voz a esses silenciados, permitindo que suas histórias sejam contadas e reconhecidas. Assim, a trajetória de Castanha se torna um poderoso testemunho da luta pela sobrevivência em um mundo que frequentemente ignora a dor e a luta dos mais vulneráveis, desafiando o leitor a confrontar as realidades da violência e da exclusão que permeiam a sociedade brasileira. Essa abordagem não apenas enriquece a compreensão da obra, mas também destaca a importância da literatura como um espaço de resistência e de afirmação da identidade diante da opressão.

Portanto, tanto a obra de Schøllhammer quanto a narrativa kafkiana revelam a complexidade da condição humana em face da violência e da exclusão, destacando a importância da literatura como um meio de resistência e de busca por identidade em um mundo que muitas vezes se recusa a ouvir. Essa intersecção entre as duas obras enriquece a compreensão das experiências de marginalização e alienação, ressaltando a relevância contínua dessas temáticas na literatura contemporânea.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da presente pesquisa revelaram que a violência desempenha um papel significativo na formação da identidade e subjetividade dos personagens da HQ *Castanha do Pará*, de Gidalti Moura Jr. A análise das experiências dos personagens diante de diferentes formas de violência, como a física, simbólica e institucional, evidenciou a complexidade das interações entre violência e subjetividade.

A violência física, representada de maneira explícita na obra, impacta diretamente a integridade física dos personagens, levando-os a enfrentar traumas e desafios emocionais que moldam sua forma de ver o mundo e de se relacionar com os outros. Por outro lado, a violência simbólica e institucional se manifesta nas relações de poder e nas estruturas sociais que condicionam as ações e escolhas dos personagens, influenciando suas identidades e trajetórias.

A partir da análise dos resultados, foi possível perceber que a violência atua como um elemento estruturante das narrativas, criando tensões e conflitos que impulsionam o desenvolvimento dos personagens. A oscilação entre resistência e submissão diante da violência reflete a complexidade das experiências humanas em contextos marcados pela opressão e pela marginalização.

A discussão dos resultados aponta para a necessidade de uma abordagem sensível e crítica em relação às representações da violência nas narrativas gráficas, considerando seu impacto na construção da subjetividade e na reprodução de estereótipos e discursos de poder. A análise das dinâmicas de violência e resistência em *Castanha do Pará* contribui para a compreensão mais ampla das interações entre indivíduos e estruturas sociais, ressaltando a importância de se problematizar as relações de poder presentes nas narrativas culturais.

Diante disso, a presente pesquisa amplia o debate sobre a relação entre violência e subjetividade na contemporaneidade, destacando a relevância das narrativas gráficas como espaços de reflexão e crítica social. Futuros estudos podem se beneficiar dessas reflexões, aprofundando a análise das representações da violência e do trauma nas histórias em quadrinhos e ampliando o entendimento dos processos de construção identitária em contextos de opressão e resistência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar o impacto da violência na construção da identidade e subjetividade dos personagens da HQ *Castanha do Pará*, de Gidalti Moura Jr., inserida em um contexto pós-moderno marcado por profundas transformações sociais, culturais e políticas. Esse contexto é caracterizado pela desconstrução das metanarrativas tradicionais e por uma crise das identidades, refletindo a fragmentação e a incerteza do sujeito contemporâneo. As experiências violentas, nesse cenário, não são apenas eventos isolados, mas atuam como forças estruturantes que moldam a subjetividade, tal como sugerido por Byung-Chul Han (2017), que observa como o sofrimento psíquico no capitalismo neoliberal é internalizado e acaba por conformar o sujeito através da autoexploração e da violência simbólica. Essa violência internalizada afeta diretamente a forma como as personagens da narrativa negociam suas identidades.

Os principais achados indicam que a violência, em suas várias formas — física, simbólica e institucional —, influencia diretamente a subjetividade dos personagens, colocando-os em uma constante oscilação entre resistência e submissão. Segundo Minayo (2006), a violência deve ser compreendida como um fenômeno multifacetado que transcende o ato físico e perpassa as relações sociais, impondo-se como uma força organizadora das dinâmicas de poder e controle (p. 19). Essa concepção ajuda a entender como os personagens de *Castanha do Pará* vivenciam não apenas a violência direta, mas também as formas mais sutis de opressão, como a violência institucional e simbólica, que permeiam o ambiente social caótico em que vivem.

Nesse sentido, a obra de Moura Jr. revela como a violência não se apresenta de forma gratuita ou decorativa, mas funciona como um catalisador para explorar as dinâmicas de identidade e resistência dos sujeitos. A sujeição dos personagens a diferentes formas de violência molda suas identidades, refletindo o que Jameson (2006) discute sobre a fragmentação do sujeito na pós-modernidade, quando o indivíduo se vê perdido em meio a forças avassaladoras que desestruturam qualquer noção estável de identidade (p. 125). A violência, portanto, emerge como uma força destrutiva, mas também como uma possibilidade criativa, que força os sujeitos a se reinventarem em meio ao caos.

Entretanto, a análise também revelou algumas limitações inerentes à própria natureza do objeto estudado. As particularidades culturais e geográficas que cercam a obra tornam desafiadora a aplicação de seus resultados em outros contextos literários ou culturais. *Castanha do Pará* está profundamente enraizada nas realidades socioculturais da Amazônia brasileira, onde as dinâmicas de violência e resistência estão intimamente ligadas a questões como marginalização, desigualdade econômica e exclusão social. Esse cenário de opressão, conforme discutido por Chauí (2004), é típico de sociedades onde a violência se configura como uma prática institucionalizada e estruturante, moldando não apenas as condições de vida, mas também as subjetividades dos indivíduos que nela habitam (p. 45).

Futuras pesquisas poderiam, portanto, beneficiar-se de uma abordagem comparativa, explorando como a violência e a sujeição do sujeito pós-moderno se manifestam em outros gêneros narrativos e em diferentes contextos culturais. Bonamigo (2008) argumenta que a violência no contexto urbano contemporâneo não é apenas uma expressão de conflito, mas uma estrutura complexa que organiza as relações sociais e os modos de vida (p. 112). Ao examinar como essas dinâmicas se desenrolam em outras obras ou culturas, seria possível investigar se a relação entre violência e subjetividade apresenta características semelhantes ou se assume formas específicas em função de fatores culturais e históricos distintos.

Além disso, a presente pesquisa concentrou-se principalmente na análise textual e narrativa de *Castanha do Pará*, com foco no desenvolvimento psicológico dos personagens. No entanto, uma análise visual mais detalhada poderia revelar novas camadas de significado. A iconografia da violência nas narrativas gráficas, conforme sugerido por Ginzburg (2012), oferece um campo fértil para a exploração de como os traumas e as experiências violentas são representados visualmente, contribuindo para a construção de subjetividades fragmentadas e vulneráveis (p. 67). Assim, uma abordagem interdisciplinar que considere tanto o texto quanto a imagem poderia ampliar a compreensão dos efeitos da violência na subjetividade.

Ao longo do trabalho, tornou-se evidente que a relação entre violência e subjetividade é uma questão complexa, que vai além da dicotomia entre opressor e oprimido. A violência, como observado por Krug (2002), afeta profundamente os indivíduos, não apenas por seus impactos físicos e imediatos, mas por seus efeitos

prolongados, que continuam a moldar as formas como os sujeitos se veem e são vistos pelo mundo (p. 98). Este estudo, ao focar na obra de Gidalti Moura Jr., contribui para ampliar as discussões sobre os efeitos da violência em contextos pós-modernos, fornecendo uma base para futuras investigações sobre as dinâmicas da subjetividade em cenários de opressão e resistência.

Em síntese, *Castanha do Pará* exemplifica como a narrativa gráfica pode servir como um espaço poderoso para representar questões sociais complexas, como a violência e a sujeição. Ao trazer à tona as tensões entre identidade, resistência e opressão, este estudo oferece uma contribuição relevante ao debate sobre a construção da subjetividade no contexto contemporâneo. Estudos futuros poderão expandir essas discussões, explorando novas abordagens teóricas e metodológicas que permitam uma compreensão mais ampla da relação entre violência e subjetividade no mundo pós-moderno.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. M. T. O sujeito pós-moderno e suas demandas judiciais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 3, p. 646-659, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/mD7kdYPh9yr9wrXXTqzKLKt/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 23 out. 2024.
- ALVES-COSTA, Lucas Piter. **Quadrinhos: autorialidade, práticas institucionais e interdiscurso**. Catu, BA: Bordô-Grená, 2021. Disponível em: https://www.editorabordogrena.com/files/ugd/d0c995_ed2c5da9d0034fa8af4aec746cd5eb7.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.
- ALVES, V.C.; SILVA, L. M. O. A gestão do conhecimento pessoal e seu papel no aprendizado contínuo e sucesso na era das acelerações. **Revista Inteligência Empresarial**, v. 44, n. 2, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://inteligenciaempresarial.emnuvens.com.br/rie/article/view/72>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- GODINHO, Josué Borges de Araújo. Pós-modernidades: Breve explicitação da crítica de David Harvey a Jean-François Lyotard. **Em Tese**, [S.l.], p. 95-102, abr. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/9554>>. Acesso em: 16 nov. 2024.
- BAETENS, J. The Graphic Novel: An introduction. **English Language Notes**, v. 46.2. Fall/Winter, 2008. Disponível em: https://assets.cambridge.org/97811070/25233/frontmatter/9781107025233_frontmatter.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [S. l.], v. 11, p. 89–117. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2024.
- BANDURA, A. Theoretical integration and research synthesis essay. **Social Cognitive Theory of Mass Communication**, v. 3, n. 3, p. 265-299, 2001. Disponível em: http://coqweb.ucla.edu/crp/Media/Bandura_01.pdf. Acesso em: 23 out. 2024.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacra and simulation**. EUA: University of Michigan press, 1994.
- BONAMIGO, I. S. Violências e contemporaneidade. **Revista Katálysis**, v. 11, n. 2, p. 204–213, jul. 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rk/a/HwMmgkb6Q35rBwwMCfhtqMw/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 14 nov. 2024.

BONIN, I. T. *et al.* Por que Estudos Culturais? **Educação & Realidade**, v. 45, p. e100356, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edreal/a/4CVWx8PQzcSbQwN7WNRGhQr/>. Acesso em: 20 out. 2024.

BOURDIEU, P. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 1984.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAEM, E. P. C. A.; OLIVEIRA, P. S. Representações da violência na literatura: apontamentos para uma possível apresentação. **PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, v. 10, n. 18, p. 18-36, 1 mar. 2020.

Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/40564>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BRAGA JUNIOR, A. X.; LINARES, I. B.. Variações da estrutura narrativa no uso de balões de pensamento em Histórias em Quadrinhos de super-heróis. **9ª Arte (São Paulo)**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. e191578, 2022. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/191578>. Acesso em: 1 nov. 2024.

BRANCO, L. A.R. **Uma resposta à visão de Jean-François Lyotard sobre o pós-modernismo e a negação das metanarrativas**. 2024. Disponível em:

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/GVdUPkCBIH2M5GdtimoK7ECWyFNbt0UC2DdMtMOBHUnY1F5Y3sWUM5VmOX2t117-cfc30GA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA . Acesso em: 24 mar. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais Femicídio: investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres**. Brasília – DF, 2016.

Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_femicidio.pdf. Acesso em: 24 mai. 2024.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development**. Harvard university press, 1979. Disponível em:

<https://www.hup.harvard.edu/books/9780674224575>. Acesso em: 27 nov. 2024.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Tradução de Plínio Dentzien. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

CABRAL, A. R. Do conceito de pós-modernidade ao de modernidade líquida na obra de Zygmunt Bauman. **Projeção, Direito e Sociedade**, v. 13, n. 1, p. 57-67, 2022. Disponível em:

<https://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao6/article/view/1918>.

Acesso em: 25 no. 2024.

CARVALHO, I. M.; RIBEIRO, P. B. **As HQ chegam à escola**. Campinas: Pontes Editores, 2018.

CARVALHO, B. S. de. **O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos**. 2017. Dissertação (Mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em:

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-31102017-123128/pt-br.php>.

Acesso em: 20 out. 2024.

CHAUÍ, M. A Violência e a Exclusão. *In*: **Afinidades afetivas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CHAUÍ, M. A forma da violência. **Folha de S. Paulo**. Caderno Mais!, São Paulo, 2004, n. 20 jul. 2004. p. 12-13. Disponível em:

<https://repositorio.usp.br/item/001010302>. Acesso em: 21 jul. 2024.

CIDA, Bento. **Pacto da branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CINTRA, I. Â. Dois aspectos do foco narrativo: retórica e ideologia. *In*: **Revista de Letras**. São Paulo: Editora Unesp, 1981. p. 05-12. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/322>. Acesso em: 23 out. 2024.

COLLINS, R. **Violence: A micro-sociological theory**. Princeton University Press, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctt4cg9d3>. Acesso em: 24 out. 2024.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G.. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, p. 1163–1178, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/jGnr6ZsLtwkhvdkrdhpcdw/?lang=pt#>. Acesso em: 16

nov. 2024.

DAVILA, Luis Felipe *et al*. Violencia simbólica: revisión de los estudios que acuñan el concepto en américa latina (2009-2019). **Novum Jus**, Bogotá, v. 14, n. 2, p. 45-82, Dez. 2020. Disponível em:

http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2500-86922020000200045&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 22 jul. 2024.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

EISNER, W. **Graphic Story Telling and Visual Narrative**. New York: W.W. Norton & Company, 2015.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FARMER, P. An Anthropology of Structural Violence. **Current Anthropology**, v. 45, n. 3, p. 305-317, 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/382250>. Acesso em: 5 out. 2024.

FERRAZ, D.R. O pós-modernismo em um Copo de Cólera. **Anais Seminário de Filosofia e Sociedade**, v. 2, n. 1, p. 1-9, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/filosofia/article/view/4014>. Acesso em: 15 nov. 2024.

FERRAZ, M. M.; SHOLL-FRANCO, A. Cheirar cola: aspectos sociais e fisiológicos do uso crônico de solventes. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 204-207, jul. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000200017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 set. 2024.

FORCEVILLE, C.; EL REFAIE, E.; MEESTERS, G.. Stylistics and comics. *In*: BURKE, Michael (Ed.). **Routledge Handbook of Stylistics**. London: Routledge, 2014.

FORCEVILLE, Charles; VEALE, Tony; FEYAERTS, Kurt. Balloonics: The Visuals of Balloons in Comics. *In*: GOGGIN, Joyce; HASSLER-FOREST, Dan (Ed.). **The Rise and Reason of Comics and Graphic Literature: Critical Essays on the Form**. Jefferson NC: McFarland, 2010.

FOUCAULT, M. **Discipline and Punish: The Birth of the Prison**. EUA: Vintage Books, 1977.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1975.

FRACTION, Matt; PULIDO, Javier. A fita. **Gavião Arqueiro**, nº 4, janeiro de 2013. Disponível em: <https://comicbookglossary.wordpress.com/thought-balloon/>. Acesso em: 3 jun. 2024.

GALTUNG, J. Violence, peace, and peace research. **Journal of Peace Research**, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969. Disponível: <https://www.jstor.org/stable/422690>. Acesso em: 15 nov. 2024.

GALTUNG, J. Cultural Violence. **Journal of Peace Research**, v. 27, n. 3, p. 291-305, 1990. Disponível em: <https://www.galtung-institut.de/wp-content/uploads/2015/12/Cultural-Violence-Galtung.pdf>. Acesso em: 30 set. 2024.

GALTUNG, Johan. A estrutura da violência. *In: Violência e paz: uma introdução à teoria da paz*. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 45-67.

GALTUNG, J. **Violencia, guerra y su impacto: sobre los efectos visibles e invisibles de la violencia**. Foro para filosofia Intercultural: Polylog, 2004. Disponível em: <http://them.polylog.org/5/fgj-es.htm>. Acesso em: 02 out. 2024.

GALTUNG, J. Violence, War, and Their Impact. On Visible and Invisible Effects of Violence. *In: POLYLOG, Forum for Intercultural Philosophy*. Amberg: polylog, v. 5, 2004. Disponível em: <<https://www.polylog.org/5/gt-en.htm>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, A. **Sociology**. EUA: Polity Press. Scheper-Hughes, 2006.

GINZBURG, J. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: Edusp, 2012.

GROENSTEEN, T. **The system of comics**. EUA: Univ. Press of Mississippi, 2007.

GURR, T. R. **Peoples Against States: Ethnopolitical Conflict and the Changing World System**. Paradigm Publishers, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARTLING, L. M. Strengthening resilience in a risky world: It's all about relationships. **Women & Therapy**, 31(2-4), 51-70, 2008. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/02703140802145870?needAccess=true>. Acesso em: 21 jul. 2024.

HEINSFELD, B. D.; PISCHETOLA, M. Cultura digital e educação, uma leitura dos Estudos Culturais sobre os desafios da contemporaneidade. **Revista ibero-americana de estudos em educação**, v. 12, n. 2, p. 1349-1371, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10301>. Acesso em: 27 set. 2024.

HUTCHEON, L. **A poética do pós-modernismo: História, Teoria e Ficção**. Routledge, 2010.

HUTCHEON, L.; CECHINEL, A. **Uma Teoria da Adaptação**. Santa Catarina: Editora UFSC, 2013.

JACQUES, J. D. M. **A imagem da criança marginalizada nas novelas gráficas a infância do Brasil, de José Aguiar, e Castanha do Pará, de Gidalti Jr.** 2021. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - PUCRS, Porto Alegre, 2021.

Disponível em:

<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/17507/1/000500086-Texto%2bcompleto-0.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2024.

JAMESON, Fredric. **O pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução de José Miguel P. de Carvalho. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

JENKINS, Henry. **Brian Michael Bendis é o Melhor Escritor de Comics de Super-Heróis**. Splash Pages, 5 jan. 2020. Disponível em:

<https://splashpages.wordpress.com/2020/01/05/brian-michael-bendis-e-o-melhor-escritor-de-comics-de-super-herois-por-henry-jenkins/>. Acesso em: 1º nov. 2024.

JOHNSON, M. P. **A Typology of Domestic Violence: Intimate Terrorism, Violent Resistance, and Situational Couple Violence**. Boston: Northeastern University Press, 2019. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/259905459_A_Typology_of_Domestic_Violence_Intimate_Terrorism_Violent_Resistance_and_Situational_Couple_Violence_by_Michael_P_Johnson. Acesso em: 30 out. 2024.

KAFKA, F. A metamorfose. *In*: KAFKA, F.. **Essencial Franz Kafka**. Tradução: Modesto Carone. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.

KRAHÉ, B. Violence against women. **Current Opinion in Psychology**. 2018. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352250X17300489>. Acesso em: 23 out. 2024

KRUG, E. G (ed.). **World Report on Violence and Health**. Geneva: World Health Organization, 2002. Disponível em:

<https://www.who.int/publications/i/item/9241545615>. Acesso em: 19 out. 2024.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Editora Unicamp, 2011.

LEITE, L. C. M. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1985.

LEWIS, Pericles. **The Cambridge introduction to modernism**. EUA: Cambridge University Press, 2007. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/249117108_Pericles_Lewis_The_Cambridge_Introduction_to_Modernism_The_Cambridge_Introduction_to_Modernism_Pericles_Lewis. Acesso em: 13 out. 2024

LIMA, F. T.; SOUZA, E. Valorização dos Estudos Culturais no Brasil a partir das influências inglesas. **Protestantismo em Revista**, v. 44, n. 1, p. 153-164, 2018. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/3318/pdf>.

Acesso em: 27 nov. 2024.

LÓPEZ, L. L. **Psychological Violence**: A New Perspective on an Old Problem. *Journal of Interpersonal Violence*, 2021.

LYOTARD, J. F. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

MACHADO, C.; DIAS, A. R. Cultura e violência familiar: uma revisão crítica da literatura. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, [S. l.], n. 64, p. 43–74, 2007. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/307>. Acesso em: 16 nov. 2024.

MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 1995.

MCCLOUD, S.; MARTIN, M. **Understanding comics: The invisible art**. Northampton, MA: Kitchen sink press, 1993.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Ediciones del signo, 2011.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **EPISTEMOLOGIAS DO SUL**, Foz do Iguaçu/PR, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645/2646>. Acesso em: 21 jul. 2024.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/y9sxc/pdf/minayo-9788575413807.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2024.

MOURA JUNIOR, G. O. **Castanha do Pará**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

NASCIMENTO, E. P. **Hipóteses Sobre a Nova Exclusão Social**: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. *Cad. CRH.*, Salvador, n.21, p.29-47, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18772>. Acesso em: 23 out. 2024.

OLIVEIRA, J. C. de; MARTINS, F. A. **As variadas facetas da violência**. Porto Alegre: PUCRS, 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/50.pdf>. Acesso em: 12 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório sobre a saúde no mundo 2002**: Reduzindo riscos, promovendo a saúde. Genebra: OMS, 2002. Disponível em: <https://www.who.int/whr/2002/en/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório de status global sobre prevenção da violência**. Genebra: OMS, 2014. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/1>. Acesso em: 24 abr. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Devastadoramente generalizada**: 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2021-devastadoramente-generalizada-1-em-cada-3-mulheres-em-todo-mundo-sofre-violencia> Acesso em: 24 abr. 2024.

POGGIO, I. S. N. A construção das relações de gênero. *In*: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org.). **Educação de jovens e adultos, diversidade e o mundo do trabalho**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

PUREZA, J. M.; MOURA, T. Violências e guerras: do triângulo ao continuum. **Revista Portuguesa de História**, Lisboa, v. 43, n. 1, p. 123-145, 2005. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/13040>>. Acesso em: 23 out. 2024.

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina**. Anuário Mariateguiano. Lima, v. 9, n. 9, p. 113-121, 1997. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/6042>. Acesso em: 23 set. 2024.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. Edgardo Lander (comp.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf. Acesso em: 25 set. 2024.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. *In*: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506032333/eje1-7.pdf>. Acesso em: 23 out. 2024.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2022.

RAMOS, P. Quadrinhos: autorialidade, práticas institucionais e interdiscurso. **9ª Arte (São Paulo)**, [S. l.], v. 11, p. e22086, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/220861>. Acesso em: 15 nov. 2024.

RANCIÈRE, J. **"Estética e Política: a partilha do sensível"**. Porto: Dafne Editora, 2010.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

SILVA, N. M. Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO**. Campo Grande: INTERCOM, 2001. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/145679190592438538598866043670438455063.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

SMITH, M. J. **Critical Approaches to Comics: Theories and Methods**. Routledge. New York, 2019.

SMITH, Sharon G. *et al.* **The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey : 2015 data brief – updated release**. 2018. Disponível em: <https://stacks.cdc.gov/view/cdc/60893>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SOUZA NETO, M. G. Pós-Modernismo e Teoria da História: o relativismo revisitado. **Revista Trilhas da História**, v. 9, n. 18, p. 33-46, 2020. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/10062>. Acesso em: 17 no. 2024.

SPIVAK, G. C. **Can the subaltern speak?** Marxism and the interpretation of culture. EUA: University of Illinois Press, 1988.

SPIVAK, G. C. **Can the subaltern speak?** Marxism and the interpretation of culture. EUA: University of Illinois Press, 1991.

SPIVAK, G. C. Can the subaltern speak?. In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. **Imperialism**. Routledge, p. 171-219, 2023.

SPIVAK, G. C. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SARUP, M. **Identity, culture and the postmodern world**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

STARK, E.; HESTER, M. Coercive control: Update and review. **Violence against women**, v. 25, n. 1, p. 81-104, 2019. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1077801218816191>>. Acesso em: 15 set. 2024.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

URBÁN, B. Modernidades alternativas. Da crise do pós-modernismo até à transmodernidade de Enrique Dussel. **Lampejo. Revista eletrônica de filosofia e cultura**, v. 1, n. 9, p. 24-47, 2020. Disponível em:

[https://www.academia.edu/44618313/Modernidades alternativas Da crise do p%C3%B3s modernismo at%C3%A9 %C3%A0 transmodernidade de Enrique Dussel](https://www.academia.edu/44618313/Modernidades_alternativas_Da_crise_do_p%C3%B3s_modernismo_at%C3%A9_%C3%A0_transmodernidade_de_Enrique_Dussel). Acesso em: 23 out. 2024.

VIGANO, S. de M. M.; LAFFIN, M. H. L. F.. Mulheres, políticas públicas e combate à violência de gênero. **História**, [S. l.], v. 38, e2019054, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2019054>. Acesso em: 02 out. 2024.

WAKSMAN, R. D.; ZAMATARO, T. M. R.; GIKAS, R. M. C. **Manual de atendimento às crianças e adolescentes vítimas de violência**. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 2018.

WHITTEMORE, R. **The integrative review: update methodology**. California: Publishing House J Adv Nurs, 2005.

WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WILKINSON, R.G.; PICKETT K. E. **The Spirit Level: Why Equality is Better for Everyone**. Penguin Books Ltd, 2010.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes: 2000.

ZIZEK, S. **Violência: seis reflexões laterais**. São Paulo: Boitempo, 2014.